

I CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS DO PARQUE INDÍGENA  
DO XINGU

PI PAVURU - 01/02 a 13/02/94

Relatório de Maria Cristina Troncarelli (Bimba)

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

data 10 / 12 / 97  
cod. 0 PD 000 59

PARTICIPANTES:

POVO AWETI:

- 1- KWARAÜ AWETI - aldeia Aweti.
- 2- MOREPA AWETI - " "
- 3- YAKUPIN AWETI - mora na aldeia Kamayurá do Ipavu, mas pensa em dar aula na aldeia Aweti ou em algum posto de vigilância.

POVO KAMAYURÁ:

- 4- KURENETE MARCELLINO KAMAYURÁ - aldeia Morená.
- 5- AYUNÃ KAMAYURÁ - aldeia Morená.
- 6- JARÉU KAMAYURÁ - aldeia Ipavu.
- 7- TRAMUIN KAMAYURÁ - aldeia Ipavu.

POVO MEHINAKO:

- 8- RAUL YAWAFOLA MEHINAKO - aldeia Mehinako.

POVO IKPENG (TXIKÃO):

- 9- KOROTOY TXIKÃO - posto Pavuru.
- 10- YCKORÉ TXIKÃO - aldeia Txikão.
- 11- AYGURÉ TXIKÃO - " " - monitor de saúde.
- 12- NAPIKÜ TXIKÃO - " " " "
- 13- KANAGU TXIKÃO - " " - monitor dentista.
- 14- SAMPO TXIKÃO - " " - monitor de saúde - participou apenas da primeira semana, depois ficou em reclusão por causa da primeira menstruação de sua noiva).

POVO KUYKURO

- 15- IBENE KUYKURO - monitor dentista.- aldeia Yawalapiti.
- 16- KONTO HORÁCTO KUYKURO - aldeia Kuykuro.
- 17- APALAKATO KUYKURO (PALA) - aldeia Kuykuro.

POVO MATIPU:-

18 - ANHUTE MATIPU - aldeia Matipu.

POVO NAHUKWÁ:

19- AJYUEA NAHUKWÁ - aldeia Nahukwá.

POVO KALAPALO:

20- TANUGAKI KALAPALO - aldeia Tanguru.

21- URISÉ KALAPALO - aldeia Kalapalo.

22- JEYKA KALAPALO - " "

23- ARUNHA KALAPALO - " " - monitor de saúde.

POVO TRUMAI:

24- MALUYAKAI TRUMAI (KOKARÔ) - aldeia Terra Preta.

25- YAKAYRU TRUMAI - aldeia Terra Preta - monitora de saúde.

26- KOINU SUYÁ - posto Steinen - monitora dentista.

27- TAWALU TRUMAI - " ".

EQUIPE:

- LOIKE KALAPALO - professor da aldeia Tanguru. Colaborou em todas as disciplinas, colaborou no estudo de sua língua e da língua Kuykuro.
- ALUPÁ KAYABI - atuou como educador, colaborando em todas as disciplinas e coordenou o estudo da língua Trumai.
- LUCY SEKI - linguista e professora.
- MARIA ELIZA LEITE - trabalhou com língua portuguesa e colaborou nas demais disciplinas.
- MARIA CRISTINA TRONCARELLI - língua portuguesa e colaboração nas demais disciplinas.
- FRANCISCO VIEIRA - matemática.
- ALDA - colaboração nas aulas de português, matemática e linguística, confecção de jogos pedagógicos.
- KOROTOI TXIKÃO - atuação em todas as disciplinas, professor do PI PAVURU.

Obs. Faltaram professores indígenas das aldeias Yawalapiti e Waurá. Pirakumã Yawalapiti irá conversar com Tunuli Yawalapiti para comparecer no próximo curso.

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS :

MEGARON TXUKARRAMÃE - administrador do Parque do Xingu. Aula de Geografia, meio-ambiente, política indígena. Apoiou a equipe e colaborou na abertura e fechamento do curso nas discussões sobre a escola indígena, centrada na valorização da cultura de cada povo.

HÉLCIO SOUZA - produção do curso (administração logística). Colaborou na aula sobre meio-ambiente.

CÉSAR DESTRO- agrônomo. Colaborou na aula sobre meio-ambiente e recursos naturais.

FIRAKUMÃ YAWALAPETI - Conversa com os participantes no fechamento do curso.

KOKOTI AWETI - conversa com participantes no fechamento do curso. Apoio para a organização do curso no PI PAVURU.

PEDRO PARECI - professor do povo Pareci, colaborou em todas as disciplinas, exposição sobre o seu trabalho.

CRIANÇAS DA ALDEIA IKPENG - colaboração nas aulas de matemática e também na cozinha.

AGRADECIMENTOS:

MEGARON TXUKARRAMÃE - pelo apoio ao projeto, à equipe e pela colaboração preciosa em várias aulas.

KOKOTI AWETI - por nos receber no PI Favuru e colaborar na infraestrutura do curso, apoio ao nosso trabalho.

POVO IKPENG - pelo carinho e atenção para conosco. Agradecimentos especiais a Melobô, Oporikê, Iakumã e Ataki. Agradecimentos à Coquinho e Apiuaru que nos emprestaram um prato de beiju e nos deram muito polvilho.

### ANTECEDENTES:

A equipe teve poucos momentos anteriores no curso para planejá-lo em conjunto. Ocorreram 3 reuniões em diferentes meses, onde nem sempre todos os membros da equipe puderam estar presentes.

Nós não sabíamos quem seriam os participantes do curso, nem o nível de conhecimento que tinham da língua portuguesa, lingüística ou matemática. Nesse curso pudemos realizar uma primeira avaliação dos conhecimentos dos participantes, para que no próximo curso possamos atender as necessidades de formação individual de cada professor, bem como colaborar com orientações para sua prática pedagógica.

Muitos monitores de saúde e dentistas participaram do curso, além dos candidatos a professores.

A equipe ainda precisa resolver dois problemas graves: conseguir uma pessoa responsável pela coordenação do projeto, trabalhando tempo integral e conseguir mais recursos para o projeto, pois a falta de dinheiro tem ocasionado problemas e comprometido a qualidade do trabalho.

Precisamos organizar o acompanhamento pedagógico a ser realizado antes do próximo curso e procurar também assegurar que a equipe se reúna pelo menos no período de 5 a 7 dias para o planejamento em conjunto do próximo curso.

### INTRODUÇÃO

A equipe e os participantes do curso foram recebidos com muito carinho pelo chefe de posto Kokoti Aweti e pelo povo Ikpeng (Txikão). Chegamos no dia 29/01. No dia 30/01 organizamos o material, arrumamos a sala de aula e rodamos um texto no mimeógrafo (de autoria de Megaron) e ilustrado por Sampo e Korotoi Txikão. Neste mesmo dia o avião trouxe o corpo de uma pessoa da aldeia que faleceu em Brasília. Foi um dia de muita tristeza. Apesar disso, os chefes da aldeia disseram que poderíamos dar prosseguimento ao curso lá no PI Favuru.

Megaron Txukahamãe e outros professores participantes chegaram neste dia a noite. Megaron achou conveniente adiar o início do curso para o dia 1º de fevereiro, em respeito ao luto do povo Ikpeng e também iríamos <sup>chegando</sup> professores Kalapalo e Kuykuro no dia 31/02.

ALIMENTAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E INFRA-ESTRUTURA

Wompi e Racini Txikão trabalharam com muita competência e dedicação na preparação da comida. Falhamos no cálculo da quantidade de arroz e macarrão, além de faltar alimentos para a preparação de um café da manhã mais substancial. Apesar disso, ninguém passou fome.

Megaron ganhou um saco de polvilho que doou para nós, eu também ganhei polvilho de Apiuaru e de Coquinho Trumai. De manhã cedo eu, Koinu, Tawalu e Yakayru fizemos beiju para todos os participantes.

Apesar de ser tempo de chuva comemos muito peixe: Komoru e Takumã nos trouxeram peixe-cachorra, bicuda, jaú, pirarara, filhote e Ataki nos presenteou com deliciosos matrinchãs. Komoru ainda matou jacu e patos e o pessoal Ixpeng nos trouxe um caítitu.

Megaron convidou Kiãbjeti, nosso cinegrafista especial, para documentar o curso. Na segunda semana Kokoti Aweti e a comunidade da aldeia Terra Preta emprestaram um gerador e o pessoal da aldeia Cachoeira uma televisão. Assim durante a noite pudemos assistir os vídeos realizados por Kiãbjeti no Parque do Xingu e na área indígena Mekrançotire, os filmes "O último dos moicanos (em inglês, com legendas em português) e Esqueceram de mim (em inglês, sem legendas), a cora do mundo e o pessoal também viu o filme abominado pela equipe "Nascido para matar".

Diariamente a equipe se reunia durante a noite para avaliar as atividades realizadas e planejar o dia seguinte. Vale ressaltar as preciosas colaborações de Loike Kalanalo, Alupá Kayabi e Korotoi Txikão, atuando como linguistas e educadores.

A escola do PI Pavuru, assim como todas as escolas de alvenaria e telha de amianto construídas pela Fab no parque, se transformava num forno, nada adequada como espaço pedagógico, atrapalhando o aprendizado. Os bancos e mesas, em quantidade insuficiente, estavam em péssimas condições, necessitando de constantes reparos, inclusive quando quebravam inesperadamente durante as aulas. Esperamos resolver esse problema para o próximo curso e poder equipar as escolas com bancos e mesas.

Apesar dos problemas ocorridos, o curso transcorreu num clima de entusiasmo, alegria e companheirismo entre todos os participantes.

31/01/94

Neste dia Megaron chamou a equipe e os participantes do curso que já haviam chegado para uma reunião. Como já foi dito, o curso foi adiado para começar no dia 01/02. Megaron falou sobre o convite feito a Kiãbjieti para documentar em vídeo o curso. Falou também sobre as dúvidas que sentiu nas aldeias por onde passou em relação ao projeto, ao curso e sua continuidade.

Explicamos que o planejamento inicial do projeto era para 5 anos, mas como os recursos eram escassos, resolvemos realizar o trabalho em 4 anos e redistribuir o dinheiro do último ano para melhorar o orçamento. Falamos sobre a previsão de realizar 2 cursos por ano, sobre o acompanhamento pedagógico aos professores, compra de material escolar e de referência (livros, mapas etc), criação de materiais didáticos, ferramentas e tábuas para construção da escola, mesas, bancos e armários.

Megaron falou sobre a escola a ser construída no Fiaragu (antigo FIV), prometida por Jerônimo, prefeito do Bang-bang. Esta escola evitará que o pessoal vá estudar no Bang, podendo garantir também uma educação de melhor qualidade e diferenciada, no sentido de valorizar a cultura indígena, além dos estudantes terem melhores condições de alimentação e alojamento. Disse também que no Kapôt o pessoal já construiu a casa de Estela, porém ainda estudarão em Guarantã 9 mocinhos: 2 Fanara e 7 Mětyktire. Ficamos um pouco mais aliviados pois de 32 pessoas o número de meninos em Guarantã diminuiu bastante. Há a esperança de com o funcionamento da escola do Kapôt, essas pessoas retornem à aldeia.

Comentamos sobre a importância da vinda do pessoal do Kapôt, Fykany, Bau e Kuběkākre para participar do curso. Infelizmente dias depois soubemos que não seria possível a vinda do pessoal, pois não previmos recursos para o combustível de avião para trazer o pessoal e de acordo com a Fundação Maba Virgem não havia dinheiro para isso. Megaron e a equipe receberam a notícia com muita tristeza, pois o programa de educação poderia oferecer outro tipo de apoio para estes povos, que vivem cercados e explorados por madeireiros e garimpeiros. É imprescindível que no próximo curso eles estejam presentes.

Megaron contou sobre o contato que já estabeleceu com os prefeitos dos municípios vizinhos ao Parque, visando uma futura contra-

tação dos professores índios pelas prefeituras.

Eliza e Megaron explicaram sobre a escola do Jacaré, que deverá ir até a 8ª série, porém nenhum recurso havia sido liberado pelo MEC, apesar de terem recebido uma resposta positiva quanto a aprovação do projeto. Eliza explicou também que muitos dos participantes não precisariam necessariamente começar a dar aula, que poderiam ir se preparando durante os cursos e o acompanhamento, iniciando com a comunidade uma conversa sobre a construção da escola, até sua concretização.

Hélcio explicou sobre a origem do dinheiro do projeto, arrecadado pelos estudantes da Noruega. Eu falei sobre os conteúdos que seriam abordados neste primeiro curso: Língua indígena, português, matemática, além de uma introdução à Geografia e Ciências, disciplinas que serão melhor aprofundadas nos próximos cursos.

Os participantes do curso que já haviam chegado se apresentaram, porém relatarei a apresentação realizada no dia 1º, com a chegada de todos os participantes.

01/02/94

Colocamos a programação dos trabalhos a serem realizados naquele dia na lousa:

manhã:

- Apresentação da equipe e dos participantes.
- Leitura de um texto de Megaron sobre a escola.
- Conversa de Megaron com os participantes do curso.
- Explicação sobre o projeto.
- Perguntas a serem respondidas por escrito.

tarde:

- História da escrita - aula da prof. Lucy Seki.
- Carta enigmática
- Conversa sobre as funções da escrita.
- Síntese.

#### APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES:

- 1- TAHUGAKI KALAPALO - aldeia Tanguru. Tem 15 anos, estuda no Tanguru com Loike. Pretende ser professor.
- 2- URISÉ KALAPALO - mora na aldeia Kalapalo, mas estudou em 1993 com Loike no Tanguru.

- 3- ANHÜTE MATIPU - Estudou durante 1 ano no Bang (é bem novinho, deve ter 13 ou 14 anos).
- 4- APALAKATO KUYKURO (FALA) - aldeia Kuykuro. Estudou há 9 anos atrás no PI Leonardo com Bimba. Vai pensar se quer ser professor.
- 5- Jeyka KALAFALO - mora na aldeia Kalapalo, estudou com Leike no Tanguru. (Deve ter 15 anos aproximadamente).
- 6- KONTO HORÁCIO KUYKURO - aldeia Kuykuro. Estudou em 1984/85 com Bimba no PI Leonardo. Estudou em 1992 no Rio de Janeiro durante 1 ano cursando a 2ª série. Disse que foi muito duro estudar na cidade, passou até fome.
- 7- IBENE KUYKURO - mora na aldeia Yawalapiti e é monitor dentista. Estudou com Bimba em 1984/1985 no PI Leonardo.
- 8- MALUYAKAI TRUMAI (Kokarô) - estudou no Dianurum em 1982/83 com Mariana Leal Ferreira. Pretende ser professor.
- 9- YOKORÉ TXIKÃO - aldeia IEPENG. Estudou com Suzana Destro no PI Favuru. Auxilia o prof. Korotoi na escola do Favuru e pretende ser professor.
- 10- AIGUÉ TXIKÃO - aldeia Ikpeng. É monitor de saúde há 8 anos. Estudou com Suzaha Destro.
- 11- AYUMÃ PABLO KAMAYURÁ = Aldeia Morená. É monitor de saúde, mas disse que pretende também dar aula.
- 12- TRAWIN KAMAYURÁ - aldeia Ipavu. Estudou no PI Leonardo com a prof. Jacinta (1987). Pretende ser professor.
- 13- YAKUMIN AWETI - mora na aldeia Ipavu, mas disse que pretende dar aula na aldeia Aweti ou em algum posto de vigilância. Estudou com Bimba no PI Leonardo (1985/86). Antes estudou em Nova Xaventina até a 8ª série.
- 14- KWARAÜ AWETI - Estudou um pouco no posto com a enfermeira Tuca. Pretende ser monitor de saúde.
- 15- NOREPA AWETI (WIRIRI) - aldeia Aweti. Estuda sozinho na aldeia, está começando a aprender a ler e escrever sozinho.

- 16- KUREMETE MARCELINHO KAMAYURÁ - aldeia Morená. Disse que é monitor de saúde, mas tem vontade de ser professor.
- 17- JARÉU KAMAYURÁ - ALDEIA Ipavu. Estudou na aldeia e pretende ser professor.
- 18- RAUL YAWAFOLA MEHINAKO - aldeia Mehinako. Estudou com Rel no PI Leonardo (1986). Pretende ser professor.
- 19- KOROTOI WAYA TXIKÃO - mora no PI Pavuru. Foi durante 3 anos monitor de saúde, depois passou a ser professor, dá aula há 5 anos. Tinha 27 alunos. Já deu aula na língua Ikpeng com a colaboração de Charlotte Emerich.
- 20- AJYUMA NAHUKWÁ - aldeia Nahukwá. Estudou com Bimba no PI Leonardo (1984/85). Pretende ser professor, ainda não deu aulas.
- 21- ARUNHA KALAPALO - aldeia Kalapalo. É monitor de saúde.
- 22- KOINU SUYÁ - monitora dentista. Mora no posto Steinen. Estudou com Bimba no PI Leonardo (84/85/86).
- 23- NAFIKY TXIKÃO - mora na aldeia Ikpeng. Estudou com Suzana no Pavuru. É monitor de saúde.
- 24- SAMPO TXIKÃO - monitor de saúde. Mora na aldeia Ikpeng, estudou com Suzana.
- (neste dia não estiveram presentes: Managu Txikão, Yakayru Trumai e Tawalu Trumai-(esta última chegou apenas na 2ª semana).

- Leitura do texto de Megaron ( em anexo no livro de português).

Conversa de Megaron , explicando aos participantes sua proposta de escola indígena:

"Vou falar sobre a minha preocupação em relação à escola. Os nossos costumes são diferentes dos costumes do branco. Não temos os nossos parentes que são profissionais em nossos conhecimentos como o artesanato, a música, as danças, a língua de nosso povo. Os velhos são as pessoas que possuem esses conhecimentos, que são muito importantes e vocês devem aprender com eles.

Minha preocupação com meus parentes é de que eles precisam aprender nossas músicas, danças, artesanato e nossa língua. Se perdermos a nossa língua, vamos perder o nosso povo, vamos ficar igual

aos peões.

Vocês precisam colocar na cabeça das crianças que elas têm que aprender os nossos conhecimentos.

Nós sabemos fazer discurso, existem palavras diferentes para as cerimônias, existem palavras diferentes para os chefes, e palavras mais antigas, que são os velhos que conhecem melhor. Nós temos que dar valor a nós mesmos.

Vocês devem escutar as professoras que estão trabalhando conosco, elas também estão preocupadas conosco, muitos outros brancos não estão preocupados com a gente.

Nossa vida está mudando.

Vocês que vão trabalhar com educação têm que aprender com os velhos. Quando os velhos morrerem, vão levar com eles todo o conhecimento que possuem.

Daqui pra frente vocês têm que começar a escrever em nossas línguas, escrever sobre os nossos conhecimentos. Tem 4 anos para vocês participarem dos cursos.

A gente já colocou professoras não-índias trabalhando nos postos e aldeias, todas foram embora, porque sentiam falta de suas famílias.

Acho muito importante vocês estarem aqui, participando deste curso."

Após o discurso de Megaron explicamos sobre o projeto. Depois pedimos que respondessem por escrito as seguintes perguntas:

- 1) Você já deu aula? Já ensinou alguém?
- 2) Como aprendeu a ler e escrever? Onde e com quem estudou?
- 3) Por que é importante ter escola no Xingu?
- 4) O que espera do curso?
- 5) Para que serve saber ler e escrever?
- 6) Por que é importante saber matemática?
- 7) Quantos alunos você tem?
- 8) Que línguas usa para trabalhar na escola (falando e escrevendo)?
- 9) Seus alunos falam português?
- 10) O que você ensina? Como ensina?

tarde:

Aula da prof. Lucy Seki - HISTÓRIA DA ESCRITA

A prof. Lucy explicou que a escrita é usada como forma de comunicação. Muitos povos antigos não possuíam a escrita, alguns povos começaram a desenvolvê-la. Escrever pode ser bom para que as pessoas se comuniquem a distância, também como forma de documentar acontecimentos ou conhecimentos.

Os povos antigos começaram a fazer desenhos nas pedras, nas cavernas. Estes desenhos já comunicavam acontecimentos.

Os índios americanos usavam a fumaça como forma de comunicação a distância. Havia um código estabelecido para a interpretação dos sinais de fumaça. Na África era usado o tambor, cada batida no tambor possuía um significado, já combinado entre as pessoas.

Lucy distribuiu algumas folhas (em anexo), com exemplos da escrita com desenhos nas pedras e cavernas feitas por índios norte-americanos, dos esquimós em peles de animais e pedras. Explicou o significado atribuído a estes desenhos.

Nestes materiais havia exemplos das inscrições astecas. Lucy chamou atenção sobre os sinais que estavam próximos ao desenho da boca, representando a fala das pessoas. Mostrou exemplos da escrita chinesa, árabe e hebraica, demonstrando a passagem do desenho à representação.

Depois mostrou um quadro mostrando a origem das letras do alfabeto latino, que partem dos hieróglifos egípcios para a escrita cretense, fenícia, hebraica, grega e romana, até chegar às letras do alfabeto latino convencional.

O pessoal se interessou bastante pelas explicações sobre os significados das inscrições mais antigas, principalmente dos astecas.

Após a aula expositiva a prof. Lucy distribuiu folhas com uma carta enigmática (mensagem com desenhos, onde letras e sílabas eram acrescentadas ou retiradas para formar palavras). Foi difícil para o pessoal entender esta carta, principalmente para quem era escritor iniciante, havia a dificuldade com a língua portuguesa, o conteúdo da carta era muito alheio à cultura e a própria estrutura

da carta era complicada. Aguardamos um pouco para que em grupos eles entendessem o significado da carta, embora muita gente tenha deixado a tarefa interminada.

Propusemos então uma discussão sobre as funções da escrita. Foram anotando na lousa as funções da escrita que o pessoal e pessoas da equipe iam falando:

O que lemos e escrevemos:

Radiogramas	recita médica
Jornais	receita culinária
Revistas	manual sobre o uso de máquinas
Livros	cartilhas
Poesias	bilhetes, cartas
Nomes	nomes de ônibus
Cartazes	nomes de ruas, de lojas, de produtos.

Síntese

Os trabalhos foram relatados por algumas pessoas menos "convencionadas" e que dominavam melhor o português, como Korotoi, Napik e Kurehete.

02/02/94

Programação:

manhã

- Aula de Linguística - Sons - prof. Lucy Seki.
- Primeira conversa em grupos sobre a escrita nas línguas indígenas.

tarde:

- Conversa sobre o meio ambiente - Megaron Trukarramãe, Cesar Destro e Hélcio Souza.
- Listagens em português com nomes de plantas/animais/peixes/aves/alimentos da roça e nativos.
- Desenho e montagem de um painel.

Aula de Linguística:

Lucy colocou uma frase na lousa: "O menino come beiju."

Explicou que a frase transmitia uma mensagem. A frase é composta de pedaços que são as palavras, as palavras divididas em sílabas e as sílabas formadas pelas letras. Cada letra representa sons distintos. Cada língua tem sons parecidos com os de outras línguas e também sons diferentes. Os sons são classificados dependendo de onde são produzi-

dos na boca e como são produzidos. Falou primeiramente das vogais, explicando que elas são produzidas sem interrupção na passagem do ar.

i	ɨ	ɛ
e		u
é	a	o
		ó

Explicou que nas línguas indígenas geralmente existem mais vogais que no português, e que elas podem ser escritas, o linguista pode expor as possibilidades de grafia, mas o pessoal que fala a língua poderá refletir e escolher que letra gostariam de usar para representar os sons que não existem no português.

Depois falou sobre as consoantes, produzidas com uma interrupção na saída do ar. Falou brevemente sobre as classificações que os linguistas estabelecem para as consoantes, sem se prender muito às nomenclaturas (fricativas, lábio-dentais, nasais etc).

p	t	k	K
b	d	g	G
ɸ	f	o	ch/x h
	v	z	j/ɟ
m	n	nh	ng
		j	
	r	l	
	tx	dj	

Obs. Pode ser que falte alguma letra no meu quadro, pois neste momento quebrou um dos bancos e eu saí da aula para procurar Kokoti e Komeru para providenciar o conserto.

Depois Lucy explicou sobre as diferenças entre letras/sons que podem diferenciar palavras:

faca	avô	pato	chato
vaca	avó	bato	jato

Falou sobre as diferenças de ortografia no português, referentes ao mesmo som: quilo/calor/colo/queijo.

Diferenças no final das palavras que especificam o sexo (português): menino / menina

Explicou sobre as regras de contração das palavras que cada língua estabelece quanto ao uso de vogais e consoantes:

P A T O            M A S            N A L            T R A V A            A U G H O D R E S S  
c v c v            c v c            c v c            c o v c v            v c c c v c c v c c

Ela colocava as palavras no quadro e o pessoal ia identificando se era vogal ou consoante.

Essa aula foi importante para que o pessoal percebesse que é possível escrever em suas línguas, achavam que sons que não existem no português não podiam ser escritos.

Após a aula expositiva o pessoal se reuniu em grupos para uma primeira discussão sobre a escrita nas línguas, preparando uma listagem com nomes de animais.

Vou descrever o trabalho com as línguas Kalapalo, Kuykuro, Matipu e Nahukwá, que acompanhei mais intensamente e falar um pouco sobre o que observei nos outros grupos. Loike Kalapalo foi quem conduziu os trabalhos e eu ajudei um pouquinho, junto com Lucy. Eles resolveram usar neste momento a mesma escrita para todas estas línguas Karib, dizendo que as diferenças estão na pronúncia (acentuação). Nos dias subsequentes fomos descobrindo palavras distintas para designar as mesmas coisas ( apenas algumas palavras).

Vou apresentar a primeira listagem realizada e as discussões que surgiram a partir das palavras escolhidas:

EGENATI - paca            AKUGISA - capivara

Discutiram sobre a representação do  $\text{ç}$  que eles optaram por usar "ç". Ficaram entre s ou ss, chegando a conclusão que sua língua era diferente do português, podendo usar só um S.

HIKUTAHA - tracajá

Discutiram o uso do H ou do R / RR, chegando a conclusão que seria melhor usar apenas o H.

JALI - anta

Ficaram em dúvida se usariam só o I ou Y ou J. Eu expliquei sobre o uso do j ou dj. Eles disseram que era um "dj" bem fraquinho e que seria melhor usar apenas o J.

EKE - cobra

Há muitas dúvidas a respeito do uso dos acentos, inclusive para diferenciar as línguas. Eu não me senti capacitada para discutir a questão, sendo um dos temas a ser aprofundado pela linguista Bruna Franchetto quando realizar um encontro linguístico (talvez em novembro/94) entre as

as línguas Kuykuro, Kalapalo, Matipu e Nahukwá.

TAHINGA - jacaré (optaram pelo uso do NG).

KAKANHA - gaiivota. (NH).

AGUTA - lagartixa

AKUGI - cutia

KUGUAGI - urubu

EKEGE - onça

KAYU ou KAIU - macaco.

Outra observação que acredito ser importante é de que as línguas Kalapalo, Matipu e Nahukwá são semelhantes e a língua Kuykuro se diferencia das demais na acentuação (pronúncia) e no caso de algumas palavras.

#### KAMAYURÁ:

Trabalharam a listagem usando uma proposta de alfabeto já discutida anteriormente com alguns deles pela prof. Lucy em viagens anteriores.

#### TRUMAI:

Analisaram a proposta de ortografia e dados coletados por Raquel Guillardello.

#### NEHINARO:

Yavapola ficou sozinho, não tinha um companheiro para discutir sobre a escrita de sua língua. Começou a elaborar uma listagem, embora eu tenha percebido que por estar sozinho, acompanhou os trabalhos com as línguas Karib (sua mãe é Kuykuro).

#### AWETI

Kwará (na escrita seria KWARAY) e Morepa estão em processo de alfabetização, portanto tinham dificuldade de elaborar listagens. Yakurini Aweti foi quem analisou a proposta de alfabeto e o material enviado pelo linguista Ruth Montserrat. Ele pareceu ter uma ótima compreensão da escrita em sua língua.

#### IKIENG (Txikão)

O pessoal trabalhou com muito entusiasmo. Embora ainda existissem algumas dúvidas (t/w), eles começaram a produzir um dicionário bastante extenso, com base no trabalho realizado com a linguista Charlotte Derrich.

Para finalizar a manhã propusemos uma brincadeira para ensinar uma segunda língua, usando o teatro: Eu e Loike éramos um casal que recebia em sua casa duas visitantes: Eliza e Lucy. Houve os cumprimentos de chegada e oferecemos peixe, beiju, mingau( de mentira). Conversamos

um pouco e depois nos despedimos. O pessoal gostou muito do "benteiro". Ditão foi a vez deles criarem as representações. O grupo Kamayurá combinou de visitar os Ikpeng. Eles saíram da mala e os Kamayurá improvisaram uma chegada de canoa, com um remo (vassoura). Ao chegarem foram recebidos pelos Ikpeng que ofereceram comida. Comeram, conversaram sobre uma partida de futebol e depois foram embora "remando".

Depois foi a vez dos Kuykuro visitarem os Kalapalo (falavam em sua língua e depois da dramatização Loike traduziu em português). Eles fizeram uma super produção cenográfica indo buscar flechas, remos, um caldeirão com mingau. Chegaram à aldeia Kalapalo, pediram beiju para comer com peixe, conversaram e foram embora.

#### Tarde:

Começamos lendo um texto da cartilha de Geografia dos prof. indígenas do Acre: "Os bichos da floresta". Afixamos na lousa mapas do parque do Xingu com a área Mekrangotire e um mapa das terras indígenas no Brasil. Esses mapas foram usados por Megaron em sua aula.

#### Megaron:

"Precisamos guardar e cuidar das coisas da natureza que são nossas. Onde tem caraíba, só existe capim.

Os lugares que vocês conheceram antigamente estão mudados, 40 km à direita só existem fazendas; 40 km à esquerda, mais fazendas. As cidades estão começando a crescer e aumentar: Querência, Canarana, Gaúcha do Norte, Guarantã, Marcelândia e muitas outras.

Quando vocês nasceram não tinha nada aqui, a única cidade era Xavantina. Agora tudo está sendo tomado pelos brancos.

As cabeceiras dos nossos rios estão fora da área, os caraíbas estão fazendo plantações e jogando veneno na água (agrotóxicos).

Há muitos anos, quando os caraíbas chegaram em nossa terra, alguns deles acharam que precisava reservar uma área para nós vivermos. Orlando Villas Boas e outros antropólogos começaram a brigar com outros brancos para respeitar a nossa área. Em 1978 o Parque foi demarcado.

Porém para os Kayapo foi diferente, nós sofremos com a estrada que vinha de Xavantina (BR-080). Orlando pediu para a estrada não cortar o parque, mas não adiantou. Em 1970 a estrada cortou a nossa terra. Orlando mandou que nós, Metyktire, deixássemos a área depois da estrada. Meu tio Ropni (Racni) acreditou nele, quis vir mais para cima da estrada. Meus tios Kremoro e Krumare brigaram pela nossa terra, não obedeceram Or-

lando, ficaram no Jarina até 1977, sem o apoio do Orlando. Em 1977 eles brigaram com os fazendeiros, mataram peões e só assim conseguiram a demarcação do Jarina.

Em 1979 tomaram a Agropexin, expulsaram os fazendeiros, eles foram indenizados pelo governo.

Em 1984 lutamos pelo Kapôt, brigamos pela balsa e pelos 15 km. Prendendo a balsa, chamamos a atenção do povo brasileiro.

Meus parentes Mekrangotire também brigaram pela demarcação da área. A área é muito grande, o pessoal Mekrangotire, com o apoio dos Metyktire, brigou muito.

A área dos Kaynó tem castanha, madeira, minério. É rica para os brancos, que querem esse tipo de riqueza, Para nós a nossa riqueza é a natureza.

Nós somos ricos do rio que tem peixes, do mato que tem muita caça. Se vocês pensarem que vocês são pobres, estão errados. Nós somos ricos de comida. Nós somos iguais aos caraíbas que têm muito dinheiro, nós somos assim.

Nós comemos comida que a maioria dos brancos não comem, porque não têm. Nossos caciques e lideranças têm que pensar desse jeito.

O pessoal Gorotire e Mekrangotire antigamente não sabia que a madeira e o ouro tinham valor para os brancos, viviam em cima dessas riquezas, até que chegaram os garimpeiros, que a própria Funai deixou entrar, e foram eles que mostraram o ouro. A Funai fez contrato com eles, os brancos começaram a tirar castanha, seringa, os garimpeiros começaram a explorar o pessoal. Com o dinheiro o pessoal podia comprar muitas coisas: avião, barco, carro.

Depois os madeireiros começaram a pagar dinheiro para as lideranças. Tiraram toda a madeira. Daqui há algum tempo meus parentes estarão pobres. Eles pensam que porque tem avião, casa, carro, eles são ricos. Eles estão muito enganados.

O mogno e outras madeiras são exportadas para fora do Brasil. Os brancos estrangeiros usam os brasileiros para tirar a madeira.

Daqui há algum tempo o pessoal vai querer tirar madeira aqui. Eles estão indo muito ao Pará, vão querer fazer contrato com madeireiro. Em São Felix do Xingu chegam muitas balsas cheias de mogno, saídas da área indígena.

Enquanto eles estão recebendo o dinheiro do ouro, o rio deles es-

tá todo poluído, com o garimpo os peixes e tracajás morrem. O veneno entra no peixe e na água, o pessoal come e bebe água, ficando doente. O veneno chamado mercúrio é muito perigoso, causa doenças muito graves."

Loike- Você sabe por que está acontecendo isso? Por que estão deixando tirar madeira?

Megaron:

" A própria Funai assina contratos com os madeireiros. Os madeireiros chegam com malas cheias de dinheiro, as lideranças aceitam. Porém o mogno e o ouro irão acabar. Então eles vão ficar pobres, sem comida, com rio poluído e sem a floresta. É isso que está acontecendo."

César:

Contou a história de um lugar que ele conheceu em Minas Gerais, onde havia um rio limpo, muitas árvores, as pessoas que moravam lá eram ricas como o pessoal do Xingu. Agora ele passou novamente por lá e viu que tudo estava mudado. Não tem mais a mata, o rio está poluído, o pessoal agora passa fome.

Falou também sobre o projeto Fronteiras, que é muito importante para o pessoal ficar atento, evitando a invasão de madeireiros e garimpeiros.

Hélcio:

Começou falando sobre o planeta Terra como um ser vivo, e que agora está doente por causa da destruição que a humanidade está fazendo nele. A poluição do ar e da água, as escavações na terra para retirar minérios, o lixo, os venenos químicos, tudo isso está destruindo o nosso planeta.

Agora que alguns brancos estão percebendo que todo esse estrago no planeta poderá matar a todos nós: pessoas, animais e plantas, que moramos na Terra. Alguns brancos e índios estão lutando para evitar que o nosso planeta seja destruído.

Falou também sobre a importância das sementes que os povos indígenas possuem e que a introdução de sementes dos brancos muitas vezes traz doenças para as plantas.

Após as exposições sobre o meio-ambiente o pessoal começou a preparar as listagens em português com nomes de animais, plantas nativas e cultivadas nas roças, frutas, peixes e aves.

Depois todos desenharam animais, árvores, pessoas, casas e mon-

tamos um painel ecológico (rio com peixes, floresta com animais, aldeia) na parede e no chão com todos os desenhos.

Síntese- os Kamayurá começaram a falar também descrevendo os trabalhos, além do pessoal Ikieng.

03/02/94

Programação:

manhã

Continuidade das listagens nas línguas indígenas.

tarde

Leitura das listas elaboradas em português para a escrita de uma listagem coletiva.

Jogo de adivinhação de bichos (português oral).

Síntese

Listas nas línguas indígenas:

Loike Kalapalo deu continuidade ao trabalho das listagens coordenando o grupo de línguas Karib. Eu procurei trabalhar um pouco com Yawapola Mehinako e com Kwarab e Korepa Aweti, procurando avaliar em que estágio estavam no processo de alfabetização. Assim mesmo pude observar e copiar a listagem Karib; com nomes de animais, objetos e números:

TAPIGU - gado	EHU - canoa
ASÃ - veado	ETENE - remo
TAHITSE - arara (TS)	TAMAKO - arco
INHU - curamujo	HUGE - flecha
TAGC - ariranha	TUANI - esteira
AIUE - jabuti	ETIGE - rede
KAGUTAHA - tatu	TATOHONGO - cesto em Kuykuro
AGIGI - tamanduá	ATAU - cesto em Kalapalo/Matipu/Huhukwá
KAHI- quati	IOTA - lugar fundo
	TUÃ (perguntei se não seria TUNGA, disseram que não).
	NGUNE - casa      UANGU - minha casa

#### NÚMERCOS

Kalapalo/Matipu/Huhukwá

1 - AGETSI

Kuykuro

AETSI (única diferença além da acentuação na pronúncia)



ourimatá cascudo truirão traíra mandi juú acará pacu  
lambari peixe-sabão piaba piaú filhote surubim

Alimentás da roça:

mandioca cará banana cana milho batata mamão abóbora  
inhame milho de pipoca amendoim melancia arroz feijão fava  
pimenta maracujá goiaba laranja manga mexerica abacaxi limão  
pequi mangaba caju açafrão seriguela macaúba coco da Bahia

ALIMENTOS DO MATO

castanha-do-Pará caju do mato caju do campo goiaba açá  
bacaba mangaba pequi inajá fruta de lobo jenipapo oiti  
api ananás babaçu cacau cupuaçu gariroba marmelado cará  
jatobá maracujá cajá seriguela buriti murici pitomba ingá  
mel (diversos tipos).

MATERIAIS QUE TIRAMOS DA NATUREZA:

borduna (tucum) rede (buriti/algodão)  
flecha (taquarinha) arco (madeira)  
rede de pesca (tucum) colar (caramujo, tucum, dentes de animais, sementes  
pente (taquara, algodão) cesto (tucum, buriti, taquara)  
peneira (tucum, buriti, taquara)  
cuia (cabaça) cera de abelha para flechas panelas (barro)  
urucum jenipapo barro branco para pintar o corpo  
cocares (penas de arara, reicongo, gavião, tucano)  
flautas de taquara chocalho (semente de pequi)  
chocalho (cabaça e sementes) bancos de madeira

Depois de concluídas as listagens fizemos uma brincadeira para tra-  
balhar com português oral: cada pessoa deveria descrever um animal sem  
dizer o nome dele, falando sobre suas características, alimentos, hábi-  
tos. Com exceção da maioria dos Kuykuro, Kalapalo, Matipu, Bahukvá e Me-  
hinako, todos participaram. A maioria deles fala com muita dificuldade o  
português. Apesar de não participarem mais ativamente, creio que eles  
estão aprendendo a ouvir e entender o português, para num próximo cur-  
so começarem a se expressar também em português com um pouco mais de se-  
gurança.

Obs. Neste dia no período da manhã fizemos uma outra brincadeira para aprendizado de segunda língua. O pessoal representante de cada língua vinha ensinar os nomes de partes do corpo. Todos nós repetíamos e depois tentávamos lembrar. Nesta brincadeira as meninas Yakayru e Koinu participaram mais, bem como o pessoal Kuykuro (Konto, Tala e Ibene).

04/02/94

manhã:

Aula de Linguística - Gramática - prof. Lucy.

Continuação dos trabalhos de listagens e reflexão sobre a escrita das línguas indígenas.

Brincadeira para aprender segunda língua - What's your name?

tarde:

Jogo da adivinhação dos bichos.

Leitura de texto dos professores índios de Rondônia sobre animais.

Produção de textos em português sobre animais e desenho.

Aula de linguística:

A prof. Lucy falou sobre a escrita ser um código combinado. Cada língua usa um número de sons, alguns sons são iguais em algumas línguas. Cada língua combina sons de um jeito diferente.

Depois falou um pouco da estrutura das palavras e suas modificações:

CASA      CASAS      CASINHAS

Depois sobre os verbos:

Eu escrevo/ Nós escrevemos	UTAPÜGÜ	meu pé em Kuykuro/Kalapalo
	ATAPÜGÜ	seu pé
	TITSA PÜGÜ	nosso pé

Explicou também sobre a construção das frases nas várias línguas citando exemplos. (Não pude anotar todos os exemplos)

A cobra mordeu o cachorro.

Eke heke katsogo itsilu. (Kalapalo)

KÖINHA WARARUIJAWA OU'U (Kamayurá)

Uuritsa aurijueuruma (cabeça de anta)

O pessoal foi comparando diferenças entre as frases em cada língua e em português. Houve uma pequena conversa sobre palavras que não

possuam uma tradução, refletimos também comparando com os artigos em português (o, a, os, as), as preposições como "de".

**ESCRITA NAS LÍNGUAS:**

Grupo Kalapalo, Kaykuro, Matipu e Nahukwá:

Resolvemos com base nas listagens escritas anteriormente, escrever uma primeira proposta de alfabeto:

Vogais: A E I O U Ü

Consoantes: B K D G H J L M N NH NG P S T TS Y W

Conversamos um pouco sobre a história de cada povo e eles resolveram escrever os nomes de verdade de cada povo:

LANATUA - Kaykuro	KUNUGIYAHÜTU - Kalapalo
WAGIHÜTÜ - Matipu	YAGANÜ - Nahukwá
IMEHÜNAKO - Mehinako	AWYTYZA - Aweti

Depois prosseguiram com as listagens de nomes de objetos:

AHUKUGO - panela	ALATO - forma de fazer beiju	ASÄGC - cesto n/ carregar peixe
MANAGE - peneira	KUTIGO - pá de virar beiju	
UGUKA - colar de caramujo	AKÄDOHO - banco	
TUANI - esteira	ATUGINIA - abanador	GIIC - capacete
DINEGIKO - colar de caramujo	NAGITAHU - cesto de secar povillo/Kaykuro	
HETE - raspador de mandioca	AGI - " " " /Kalapalo	
HANGAPU - brinco da pena de tucano	HÜGEKO - cocar	
INHUTAKUMI - pulseira	TIKO - cinto	

Brincadeira do What's your name: Num círculo uma pessoa vai para o meio do círculo e pergunta "What's your name?", jogando a bola para quem ele escolher. A pessoa escolhida vai para o meio do círculo e diz "My name is .....", e passa a bola para outro perguntando o nome. Fizemos a brincadeira em todas as línguas e todos participaram.

Tarde:

Cada pessoa fez 3 alfabetos em português. Depois cada pessoa escolheu um nome de bicho que foi escrito na lousa. Cada pessoa escreveu o nome do bicho escolhido num pedaço de cartolina. Depois misturamos os nomes e distribuímos um para cada pessoa. Cada um lia o nome na carto-

lina, procurava também o nome na lousa e depois ia ao centro da sala formar o nome do animal com as letras do alfabeto. Explicamos que era uma atividade que poderia ser reproduzida por eles nas aulas na aldeia e que poderia ser usada qualquer listagem: nomes de gente, animais, plantas, objetos do artesanato etc.

Repetimos novamente a brincadeira de descrever um bicho e todos adivinharem.

Iniciaram a produção de textos sobre animais, porém nem todos terminaram neste dia. Alguns fizeram em grupos ou duplas.

No final fizemos a síntese.

05/02/94

manhã:

- Confecção de jogo de memória nas línguas indígenas.
- Uso do jogo de memória.

tarde:

- Término do jogo de memória.
- Produção de textos sobre animais e desenho.

Jogo de memória:

Foi demorado o trabalho de riscar os quadradinhos na cartolina, calcular as medidas. O pessoal fez desenhos muito bonitos, escrevendo os nomes nas línguas. Essa atividade foi um pouco cansativa pelo tempo dispendido, sendo que cada pessoa teve um ritmo de preparação do jogo. Quem foi terminando ia jogando. Gostaram do jogo, principalmente o grupo: Kalapalo, Kuykuro, Matipu e Nahukwá.

tarde:

Quem não havia terminado o jogo concluiu o trabalho e jogou com os companheiros. Outros concluíram o texto sobre os animais, que integrará um livro a ser usado como material didático e de leitura.

O grupo dos Kalapalo, Kuykuro, Matipu e Nahukwá não criou textos, acabaram copiando-os do livro sobre animais que levamos. As outras pessoas produziram textos muito interessantes. Os Aweti falaram oralmente o seu texto, que escrevi. Depois leram e copiaram o texto.

Síntese.

06/02/94 - domingo de descanso.

07/02/94

Programação:

manhã:

- Em grupos, criação de textos nas línguas indígenas.
- Leike vai falar sobre sua experiência como professor e trabalhar o bingo do alfabeto.

tarde:

- Matemática - atividades com a participação de crianças: classificação/ordenação.

PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS LÍNGUAS INDÍGENAS:

A proposta era de que cada pessoa escrevesse sobre algum animal, sobre acontecimentos em sua vida, acontecimentos no curso, enfim, sobre o que quisessem.

O grupo Kalapalo, Kuykuro, Matipu e Nahukwá teve um trabalho muito produtivo, com poucas dificuldades para escrever. Escreveram textos curtos, ficaram bastante envolvidos no trabalho. Eu fiquei contente, pois na criação dos textos em português eles ficaram inibidos, enquanto que na escrita de textos na língua conseguiram expressar seu pensamento. Enquanto escreviam discutiam entre si sobre dúvidas que surgiam na escrita de algumas palavras. Fiquei contente de ver a produção de Aiyuma Nahukwá, de Tahugaki e Urise, de Apalakato e Konto Kuykuro. Percebi que Ibene tem dúvidas quanto ao uso do K e do G. Bru na fez falta, mas espero que logo possa colaborar nesse trabalho. Fiquei surpresa também com a facilidade que incorporaram o alfabeto, usando tranquilamente o G, o NG, NH, S, TS. Percebi algumas dúvidas em relação ao J (som de dj fraquinho) e também no caso da semi-vogal Y e I.

O grupo Trumai também se mostrou muito interessado, embora se sintam inseguros por não falarem tão bem a língua quanto pessoas mais velhas. Alupá ajudou muito, estimulando o pessoal e coordenando os trabalhos. Lucy ajudou-os esclarecendo dúvidas em relação à escrita.

Os Kamayurá também trabalharam com bastante segurança. Yakumini Aweti também produziu um texto, mas estava trabalhando sozinho. Moprepa e Kwarau Aweti trabalharam com Eliza, que com a colaboração de Yakumini e Lucy escreveram um pequeno texto (creio que uma frase).

Yawapola Mehinako estava triste trabalhando sozinho, ele continuou a fazer listagens em sua língua.

O pessoal Ikpong produziu bastante, muitos textos, já pensando na organização de um livro em sua língua. Quando tinham dúvidas, chamavam Lucy para ajudar na escrita.

RELATO DE LOISE KALAPALO:

Todos os que vieram participar do curso, vieram para aprender a ensinar as crianças e os adultos.

A responsabilidade de ensinar é nossa. Nós que devemos aprender a ensinar os alunos. Temos que ter muita paciência para ensinar os alunos. Eles estão em primeiro lugar.

Quando eu terminei a 8ª série, eu fiz curso de Agropecuária. Eu morava junto com os Nambikwara. Em cada aldeia tinha uma escola construída, tinha mimeógrafo, máquina de escrever.

Eu não tinha nada prá fazer, o curso que eu fiz não adiantava porque eu não precisava ensinar o pessoal sobre agricultura, o pessoal já sabia trabalhar na roça.

Então eu resolvi ser professor. Fui na prefeitura, a secretaria de educação do município já tinha assumido a educação indígena. Eu fiz concurso, passei e fui dar aula.

Eu não sabia nada, não sabia como dar aula. Eu tinha 65 alunos.

Vocês têm sorte de ter um curso logo, para poderem trabalhar com seus alunos.

Quando eu comecei, cada professor falava de um jeito, eu fiquei perdido.

O pessoal da Funai começou a me ajudar, trabalhei dois ou três anos, então as coisas começaram a piorar lá na área dos Nambikwara. Os madeireiros começaram a invadir, ninguém queria mais ir para a escola, queriam ficar na cidade.

Quando eu fui lá no Tanguru o pessoal me convidou para trabalhar lá. Eu vim meio com medo.

Com a venda da madeira o pessoal pensa que ganhar dinheiro,

ter carro, é tudo. O pessoal de lá ficou contra mim. Teve um chefe que era contra a venda da madeira que foi assassinado. Foi um madeiroiro que mandou uma pessoa do povo dele matá-lo.

Tem muito estudante que em vez de aprender primeiro as coisas do povo dele quer aprender as coisas do branco. Eu lutei para não esquecer a minha língua.

Os estudantes que vão para a cidade só aprendem coisas ruins.

O pessoal que é professor tem que saber o que vai falar na sala de aula para os alunos. Tem que ensinar as coisas boas para o aluno. Então o aluno dele vai falar: esse é meu professor, ele que me ensinou coisas boas. O papel do professor tem que ser limpo.

Quando a criança está aprendendo a escrever, não pode dizer à ela que está errado.

Meu aluno escrevia o nome dele assim: (o nome dele é Malako)

WV7UΛO  
MK IAOA  
MALAKO

Tinha criança que pegava no lápis errado, mas eu não falava para ela que estava errado, eu pedia para ela olhar o outro aluno, assim que ela aprendia.

O ensino na aldeia tem que ser lento. Tem alunos que faltam para ir pescar. Se a criança está brincando e não vai na aula, deixa ela ficar brincando.

A minha escola ainda não tem mesa assim lisa, só de pau roliço. Eu espero que tenha. Esse ano vai ser melhor que o ano passado.

A gente que é professor não pode cortar a idéia da criança. Eu falava para a criança: você vai desenhar árvore. Se ela não queria desenhar árvore, queria desenhar outra coisa, eu a obrigava a desenhar o que eu queria. Se ele desenhava as folhas amarelas, eu falava: não, a folha tem que ser verde.

Eu escrevia frases no quadro. Um aluno meu, chamado Tadeu, escreveu uma vez uma frase na lousa. Eu falei que estava errado. Eu ngi mal, ele nunca mais escreveu.

Nós não podemos obrigar o aluno a fazer só a que a gente quer. Eu trabalhei assim quase um ano, depois comecei a mudar.

O professor tem que descobrir o que a criança quer. Cada aluno é diferente, cada um tem um tempo para aprender.

Quando a gente gosta do trabalho de professor, faz bonito,

com prazer.

Kurchete Kamayurá - Eu queria saber como a gente começa a aula, a alfabetização?

Loike:

Eu comecei com português, é errado. O certo é começar a alfabetizar na língua. AQUI no Tanguru eu comecei a alfabetizar em português porque eu não tinha o alfabeto da minha língua. Nossa língua está em primeiro lugar, depois vem o português. Quando eu voltar para a aldeia eu vou começar a trabalhar com minha língua, agora eu já tenho uma noção de como escrever.

Quando eu comecei eu fazia assim: passava o A E I O U. Eu perguntava o que era isso e ninguém sabia. Eu mandava copiar até o final do caderno. O certo é ensinar o alfabeto, mas não precisa tanta cópia, podemos usar muitos jogos.

Kurchete - Como nós vamos ensinar as crianças a escreverem como a gente escreve?

Loike:

No começo é bom usar primeiro a letra de forma, mas logo pode ir mostrando as outras letras. Colocar muitos cartazes na escola, com nomes de frutas, animais, junto com desenhos. O professor e os alunos podem desenhar, ou recortar figuras de revistas e colar com o nome. É importante escrever as coisas da realidade, coisas que os alunos conhecem.

 BANANA  
banana  
banana

Depois de seu relato, Loike distribuiu cartelas com letras do alfabeto, escreveu o alfabeto na lousa e jogou o bingo do alfabeto com o pessoal. Explicou que essa é uma atividade divertida e boa para aprender o alfabeto. Usou o alfabeto em português, pois os jogadores eram pertencentes a vários povos, com línguas distintas.

AULA DE MATEMÁTICA - Prof. Francisco - Loike colaborou, juntamente com Korotoí Trikão.

As crianças vieram para participar da aula (crianças Ikpeng e Kayabi). Francisco distribuiu crachás coloridos para as crianças e participantes do curso. Todos escreveram seus nomes nos crachás, nós ajudamos escrevendo os nomes das crianças.

Francisco explicou a importância dos nomes para o trabalho de alfabetização, falou sobre a comparação de letras iniciais e da importância aprenderem a identificar seu nome. Ele fez um cartaz de perguntas

onde afixou os crachás após a aula para que no dia seguinte os alunos procurassem os seus nomes.

Então ele formou um grupo de pessoas e pediu para as crianças descobrirem como ele formou o grupo, o que aquelas pessoas do grupo tinham em comum. Demorou, mas as crianças descobriram que o grupo foi formado por causa da cor dos crachás. Depois formou um grupo com pessoas de camiseta branca. Loike e Korotoi também formaram grupos e depois outros participantes do curso realizaram grupos a partir de critérios como: pessoas de colar, de calça, de óculos escuros, de brinco, por faixa de idade, pela letra inicial do nome etc.

Francisco pediu às crianças que fossem procurar em redor da escola e do posto procurar coisas do mato: plantas, folhas, pedras, frutas, pauzinhos, o que elas quisessem trazer. Quando as crianças retornaram pediu que classificassem as coisas que trouxeram. Korotoi coordenou a atividade, ajudando e explicando às crianças a proposta do trabalho, depois escreveu os nomes em Ikpeng e em Kayabi. TUmafari Kayabi, pai de três crianças, colaborou muito na atividade e participou intensamente da aula. Muitas pessoas do povo Ikpeng estavam presentes, observando e participando da aula. Os materiais trazidos pelas crianças foram classificados em frutas/ folhas/flores.

Enquanto as crianças classificavam os objetos ele pediu ao pessoal participante do curso para escreverem 3 alfabetos. Depois pediu às crianças que separassem os alfabetos por letras (só letras A, e assim por diante).

Francisco explicou sobre a importância da atividade de classificação para iniciar o aprendizado da matemática, como uma atividade de pré-escola. Todos gostaram muito da aula. No final fizemos a síntese.

08/02/94

Programação:

manhã:

- Relato de Pedro Fareci e Korotoi Txikão sobre suas experiências como professores.
- Explicação de Hélcio sobre o projeto.
- Questionário para saber sobre materiais para escola, quem iria ser professor, situação linguística da comunidade etc.

tarde:

- Leitura do texto preparado por Francisco sobre a aula de classifica-

ção.

- Sistema de numeração decimal. Unidade/ dezena/ centena : valor posicional.

Relato de Pedro Nagokemai Paroci:

Comecei a trabalhar em 1990 com educação. Estudei 5 anos fora da aldeia, em Tangará da Serra. Comecei substituindo um professor índio. No começo sofri, depois comecei a pegar prática. Fui contratado pela prefeitura de Tangará da Serra. Na minha área tem 23 aldeias, todas com professores índios. Comecei a ensinar na minha língua, em português é ruim, o pessoal começa a pegar a cultura do branco.

Tenho 40 alunos e trabalho em dois períodos: manhã e tarde. Os alunos gostam de mim porque sou bonzinho, paciente, sigo a vontade deles, senão eles desanimam.

Primeiro trabalhei de graça, a comunidade viu o meu trabalho, batizou pela minha contratação e eu também. Tem alguns lugares que eles não contratam índios. Na minha escola as vezes falta material escolar.

Kurehete Kamayurá: Qual é o seu salário? Quanto você ganha?

Pedro Nagokemai:

Eles pagam mais de CR\$50.000,00 por período, como trabalho em dois períodos dá CR\$120.000,00.

Nós falamos na escola para os nossos alunos sobre a nossa história, sobre nossas tradições. Eu chamo os velhos para contarem histórias na escola. Uso a minha língua, aproveito as histórias contadas por eles.

Relato de Korotoi Takão:

Estou há 5 anos aqui no PI Pavuru. Eu não estudei na cidade, trabalhei primeiro como monitor de saúde, aprendi a escrever com as enfermeiras. Trabalhei 3 anos como monitor de saúde para eu estudar um pouco, depois desisti.

Em 1989 pensei em dar aula, comecei a dar aula fora da escola, escrevia no chão com os meninos, depois usei folha branca. Comecei por minha vontade, a gente brincava e estudava. Tinha professora que ficava um pouco e depois ia embora, continuei sem apoio.

Comecei a dar aula em português mesmo, não tinha professor para me ajudar, fui sozinho mesmo. Eu tinha 37 alunos.

É difícil dar aula para os meninos, não pode falar que está errado. Eu usava muito a minha língua, mesmo para ensinar português.

Em 1992 chegou Charlotte, a linguista, que fez uma cartilha. É mais fácil trabalhar na nossa língua, escrever os nomes de animais, usando as palavras que são nomes de coisas que tem aqui.

Quando tem festa na aldeia, eu vou. Vou nas pescarias, eu não dou aula direto. Meus alunos também faltam às vezes, tem dia que vem 27, 10 vão pescar.

Eu falo pouco a língua Txikão, mas vou atrás do pessoal que sabe. Tem a palavra dos homens e das mulheres.

Eu não recebo. Trabalhei 3 anos sem apoio, depois de 4 anos a comunidade começou a apoiar o meu trabalho. Agora eles acreditam no meu trabalho.

Como a gente está fazendo um alfabeto na nossa língua, tem que dar aula primeiro na nossa língua, depois português, matemática, estudos sociais e brincadeiras.

#### Exposição de Hércio Souza sobre o projeto:

O pessoal da equipe começou escrevendo documento, escrevendo o projeto, foi difícil para conseguir que o projeto fosse aprovado.

Nós prevemos um projeto para 5 anos, porém o pessoal não tinha experiência de fazer curso, sobre os gastos. Estamos gastando mais do que esperamos, talvez tenhamos que baixar o projeto para 4 anos, para distribuir o dinheiro do último ano nos 4 anos.

Bimba e Eliza:

O problema quanto ao orçamento não foi só a falta de experiência, mas a Mata Virgem disse que o projeto não podia ultrapassar a quantia de US\$70.000,00 por ano, porque senão, segundo a Mata Virgem, ele não seria aprovado. Por isso o dinheiro é pouco.

Hércio:

- Pretendemos fazer 2 cursos por ano e que educadores da equipe venham acompanhar os professores índios nas aldeias entre os cursos.
- Comprar material para as escolas: material escolar, livros e mapas.
- Produção de material didático pelos professores índios e impressão.
- Construção da escola : materiais e ferramentas: martelo, serrate, tábua para fazer mesas e bancos. É a comunidade que deve construir a escola.
- Compra de mimeógrafo e máquinas de escrever.

Ayucã Kamagurá - Eu quero saber se o projeto vai ter dinheiro para contratar os professores?

Explicamos que o projeto não tem dinheiro para contratação de

professores. O pessoal, junto com o diretor do parque, os chefes de pontos e a comunidade, vão ter que lutar pela contratação, que pode ser conseguida através das prefeituras dos municípios vizinhos ao Parque. Vai ser uma outra luta dos professores.

Ayumã Kamayurá - Eu quero saber se vai ter livro da cidade, porque eu acho melhor usar os livros da cidade do que a gente fazer livro.

Bimba:

Na cidade tem livros bons e livros ruins. Nós iremos comprar alguns livros bons para vocês usarem nas escolas, porém é muito importante vocês também criarem material didático, produzirem livros que vão ser muito úteis para o trabalho de vocês na escola, falando sobre a vida e a cultura de vocês. Esse tipo de livro não tem na cidade, vocês é que vão criar.

Falei sobre a cartilha Caminho Suave, que é um livro da cidade, muito ruim. Nem na cidade o pessoal usa mais este livro, é um material de péssima qualidade para a alfabetização.

#### Questionário:

O questionário usado para saber sobre a escola, população, situação linguística e outros dados sobre as aldeias não foi muito bom. Eliza pediu sugestões para fazer outro antes do curso, mas a gente não mandou nenhuma sugestão, foi uma falha. Apesar de não ser o material ideal foi possível obter alguns dados sobre os professores, as escolas, as aldeias. Poderemos elaborar um outro tipo de questionário para o próximo curso, com base nas informações que ficaram defasadas. Estas informações poderão também ser coletadas durante as viagens da pessoa da equipe para realizar o acompanhamento pedagógico.

#### AULA DE MATEMÁTICA:

Francisco começou a aula lendo um texto sobre a aula anterior. Depois falou sobre o conhecimento matemático que os povos indígenas possuem, na contagem, arquitetura, artesanato, na medição de roças etc.

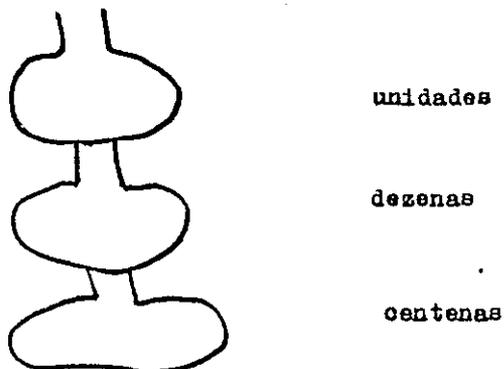
Colocou na lousa os sistemas de numeração Ikpeng e Kamayurá, os Kuykuro, Kalapalo, Matipu e Nahukwá já tinham escrito o seu sistema de numeração nas aulas de língua indígena.

IKPENG (Txikão)	Kamayurá
1- nane	mojepete
2- arak	mokōj
3- arak ebariwñpé	mo'apyt
4- arak-ne	mojõ'irũ
5- arak-arak-ebariwñpé	jenepomomat

- 6- arak arak
- 7- oreguamp ebariwinpé
- 8- oreguamp ne

Os Kalapalo, Kuykuro, Matipu e Nahukwá já tinham escrito sua numeração nas aulas de língua indígena (por iniciativa deles próprios).

Francisco desenhou um ábaco no chão:



Na parede com cartolina três suportes:



Então chamava as crianças para irem pegando canudinhos de dentro da casa das unidades, trabalhando primeiramente de 0 a 9. Quando as crianças pegaram 10 canudinhos a criança devia amarrá-los e colocá-los na casa das dezenas. Ao completar 10 grupos de 10 canudos passam um amarradão para a casa das centenas. Enquanto contavam os números eles também faziam o registro na lousa. Os professores ou futuros professores também participaram.

Formaram vários números usando as 3 casas. Após cada número formado e registrado os canudinhos eram guardados nos suportes de cartolina: canudos soltos na casa da unidade, grupos de 10 nas dezenas e amarradões de 100 na centena.

O pessoal gostou muito e aprendeu bastante com a aula, eu também aprendi com Francisco, pois costumava usar esse processo apenas no papelão, sendo que o ábaco no chão cria uma outra dimensão coletiva para o trabalho.

#### Medidas

Depois de repetir várias vezes o trabalho com numeração, Francisco pediu a várias pessoas (adultos e crianças) que medissem o quadro negro com palmas. Cada pessoa obteve uma medida diferente. Então ele explicou

que por causa das diferenças, pois cada pessoa tem um ganho de mão, e pode escolher diferentes formas de medir, que foi adotada no mundo inteiro uma unidade de medida: o metro.

Francisco já tinha feito um metro de cartolina (com decímetros, centímetros e milímetros). Usando este metro foi medida a largura da sala.

Francisco perguntou como fariam para medir da porta da escola até a árvore de graviola. O pessoal pensou bastante, surgiram sugestões como de medir com o metro mesmo, mas Francisco disse que deviam pensar uma outra proposta. Napiki Trikã propôs usar o barbante e depois calcular a partir da extensão obtida no barbante. Foi a sugestão aprovada por todos e realizaram a medição.

Francisco propôs que medissem o apagador. Mostrou o metro dividido em decímetros, centímetros e milímetros, comparando com as régua que os participantes tinham.

Na lousa ele registrou novamente a medida da sala, mostrando os décimos, centésimos e milésimos:

0	D	U	,	7	6	

Depois pediu que duas pessoas medissem a altura de todas as pessoas que estavam na sala, uma delas marcando e verificando a medida na parede e outra registrando no papel a altura de cada um. Hélcio e Aiyuma Nahukvá fizeram muito sucesso por serem os mais altos.

No final fizemos a síntese.

09/02/94

Programação:

manhã:

- Desenho da escola que gostariam de ter na aldeia.
- Continuidade na elaboração de textos nas línguas.

tarde:

- Matemática: Adição e subtração (devido a dificuldades que sentimos entre os participantes só foi realizada a adição).

Desenho da escola

A maioria do pessoal desenhou escolas de madeira e palha. Poucos desenharam escolas de alvenaria. Surgiram trabalhos de verdadeiros ar-

quitetos, como Loike e Korotoi Txikão, que trabalhou junto com Napikã.

Escrita de textos nas línguas:

Continuidade na escrita e discussão sobre dúvidas relacionadas com a escrita de algumas palavras.

tarde - ADIÇÃO:

Francisco começou a aula dizendo que em todas as línguas existem nomes para as operações de adição e subtração, também mencionou o fato da adição estar implícita no sistema de numeração destes povos: arak arak (2 + 2).

Desenhou no chão o ábaco e propôs que as crianças somassem 5 + 6 canudinhos e colocassem o valor dentro do ábaco.



Todos os participantes, em duplas, realizaram várias vezes adições, sempre usando o ábaco e o registro dos números na lousa.

Depois Francisco distribuiu vários grãos de feijão em cada mesa, pedindo que fizessem grupos de 10 e colocassem em saquinhos de plástico. Quando completassem 10 grupos de 10, colocar em outros saquinhos, formando uma centena. 10 centenas seriam colocadas em um sacão, formando o milhar. Explicou que o que não completasse 10 não seria ensacado.

Quando todos os feijões foram contados, registrou os números obtidos em cada mesa e explicou sobre a unidade de milhar, registrando:

unidade de milhar                  centena                  dezena                  unidade

Depois realizou a soma dos totais obtidos em cada mesa, através do ábaco no chão, registrando os valores obtidos no quadro.

No final da aula jogamos o "jogo do quadradinho", explicando que é um jogo muito bom para ensinar matemática: contagem, sequência dos números, adição e subtração. São duas equipes e 2 quadros na lousa, um para cada equipe.


A


B

Uma pessoa de cada equipe era escolhida para jogar o dado e registrar no quadro de sua equipe os pontos obtidos. Eu perguntava a cada jogada: Quantos pontos tem cada equipe? Quem tem mais pontos? Quantos pontos a equipe A tem a mais do que a B? Ou quantos pontos faltam para a equipe B alcançar a equipe A?

X	X	X	X	X	X	

A

X	X	X				

B

Quem terminar primeiro ganha o jogo.

O jogo foi bastante divertido, poderá ser retomado o seu uso didático durante as viagens de acompanhamento aos professores.

O trabalho terminou com a síntese.

10/02/94

Programação:

manhã:

- Escrita de textos nas línguas.
- Criação coletiva de texto em português, como proposta de atividade pedagógica.

tarde:

Matemática: Francisco trabalhou com 5 pessoas que já dominavam bem a adição, realizando a multiplicação: Korotoi, Aiguré, Napiki, Ayumã e Kurehete. Os demais trabalharam comigo, Eliza e Alupá retomando a adição. Trabalhamos com 3 grupos usando o ábaco na mesa, feijões e saquinhos, registrando os números e operações na lousa eu na cartolina.

Produção de textos nas línguas:

O grupo Ikpeng já estava terminando a organização do início de dicionário e livro de textos. O grupo de línguas Karib continuou produzindo textos. O grupo Trumai começou a produzir com maior segurança os textos. Não acompanhei o grupo Kamayurá, nem os Aweti.

### Criação coletiva de texto em português:

Propusemos o tema ROÇA. Nessa aula Ataki Txikão estava presente, colaborando também na criação do texto. Conversamos um pouco sobre o tema e o pessoal começou a dar sugestões: A ROÇA DOS POVOS XINGUANOS

"Todo ano cada povo do Xingu prepara roça. Quando está se aproximando a época da seca, nós começamos a marcar o roçado. Depois começamos a roçar, quando terminamos, começamos a derrubar.

Aí esperamos de 3 a 4 meses para queimar e depois limpar a roça.

Então preparamos as ramas da mandioca, aí esperamos a chuva para plantar as mudas. Plantamos também milho, banana, cará, melancia, cana, abóbora, milho de pipoca, amendoim, batata, feijão, pimenta, abacaxi, mamão, pequi, mangaba, algodão, cabaça, urucum, açafrão e outras coisas. "

Tarde: Atividades em matemática já descritas na programação.

11/02/94 - Programação:

manhã:

Brincadeira: What's your name?

Criação de textos nas línguas.

Português: atividades para alfabetização usando o texto criado no dia anterior.

tarde:

Multiplicação.

As duas primeiras atividades da manhã já foram descritas.

Português

Leitura individual do texto, cada pessoa leu uma parte. Depois fizemos uma listagem de algumas palavras do texto na cartolina, estas palavras foram caçadas no texto. Fizemos um exercício de ligar nomes ao desenho, um caça-palavras e uma cruzadinha. Depois fizemos uma listagem de alimentos da roça, solicitando que o pessoal fosse na lousa organizar a lista a partir da letra inicial dos alimentos (alimentos começados por A, depois por B). A maioria destas atividades foram realizadas por pessoas em processo de alfabetização, como é o caso de Kwarã, Morepa e Anhũte.

A criação do texto coletivo e atividades trabalhadas sobre ele

poderão ser retomadas durante o acompanhamento pedagógico. Nos próximos cursos os professores poderão elaborar caça-palavras, cruzadinhas e criar atividades, aprofundando a compreensão sobre o uso de listagens. A aula foi boa, tendo sido importante que as atividades propostas foram realizadas pelas pessoas em processo de alfabetização, como exemplo de sua utilidade. Apesar dos participantes desse 1º curso não terem assumido ainda o papel de professores, creio que estejam começando a refletir sobre o processo de aprendizado de seus futuros alunos.

Multiplicação

Francisco iniciou a aula explicando a necessidade de uso do material concreto para ensinar matemática. Mostrou um ábaco que confeccionou com a ajuda das crianças de mamona (ábaco chinês, de continhas).

Intrôduziu o conceito de multiplicação, explicando a soma de números iguais:  $3+3+3+3=12$      $3 \times 4=12$      $4+4+4+4=16$      $4 \times 4=16$

Além do quadro negro usou nas explicações o ábaco de continhas. Depois realizou operações com números maiores na lousa:

$$\begin{array}{r}
 323 \text{ (explicou sobre outra forma} \\
 \times 5 \text{ de realizar a operação co-} \\
 \hline
 15 \\
 10 \\
 15 \\
 \hline
 1.615
 \end{array}$$

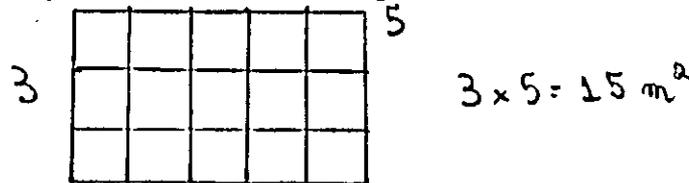
meçando pela centena)

$$\begin{array}{r}
 323 \\
 \times 5 \\
 \hline
 1.615
 \end{array}$$

(fez a operação na forma convencional)

Francisco foi para a "nossa" casa" trabalhar com Kwarã e Morepá Aweti o sistema de numeração decimal e adição. Ele havia determinado que Korotof, Napikú, Kurehete, Ayumã e Aiguré ficariam responsáveis pela continuidade da aula, reproduzindo a aula sobre multiplicação dada por ele no dia anterior (que Alupá, Eliza e eu não acompanhamos). Porém faltou uma maior articulação entre eles e Francisco para que tivessem mais segurança, levando em conta também o nível de compreensão que os demais participantes tinham da multiplicação.

Começaram propondo que o pessoal calculasse com feijões as tabuadas do 2 e do 3, que passaram na lousa. Eliza, Alupá e eu ajudamos o pessoal a realizar o cálculo com feijões, procurando esclarecer o princípio da multiplicação. Depois da realização das duas tabuadas a aula começou a ficar confusa, os coordenadores da aula fizeram um desenho no chão com quadradinhos para explicar o metro quadrado:



Foi um salto muito grande, pois o pessoal ainda estava tentando compreender o conceito da multiplicação. Eu tentei colaborar associando o desenho dos quadradinhos com a operação que estávamos realizando com feijões. Então a aula degringolou com uma nova mudança de assunto: o pessoal começou a colocar na lousa os números primos, porém com muitas dúvidas quanto ao tema. Nessa hora resolvi chamar Francisco, pois achei que não devia interferir sem saber o que havia sido combinado, Eliza teve a mesma opinião. Francisco fechou a aula retomando as tabuadas e os cálculos com feijões.

Nesse dia nem fizemos a síntese. Todos estavam cansados e encerramos o trabalho.

12/02

Programação:

manhã:

Leitura do texto de Kiãbjeti Metyktire.

Conversa de Pirakumã Yawalapiti e Kokoti Aweti com os participantes.

Entrega dos certificados.

Show dos superstars Leandro Trauin e Leonardo Marcelinho Kamayurá.

Jogo de stop nas línguas.

tarde:

Multiplicação

Avaliação de curso.

- \* No dia 11 a tarde o professor Loike Kalapalo retornou do Diauarum, onde participou da reunião do Projeto Fronteiras. Saiu do Pavuru no dia 09/02. Ficamos felizes com seu retorno.

Kiãbjeti leu um texto que escreveu em Kayapó, traduzindo depois para o português. Falou sobre a importância dos professores trabalharem com sua cultura na escola, que é melhor o pessoal estudar na aldeia com professores índios do que na cidade, onde acabam aprendendo a beber, esquecem da cultura de seu povo. Explicou que ele também é professor de vídeo, ensinando seus alunos a filmar.

Pirakumã Yawalapiti

Antes de Pirakumã ir para o Diauarum tivemos a oportunidade de conversar com ele sobre o projeto, sendo que ele demonstrou achar importante e colaborar com a equipe explicando sobre o projeto para as lideranças das aldeias.

Em seu discurso falou sobre a necessidade de manter a cultura, de participar das festas, se pintar, dançar nu, como é a tradição do pessoal do Alto Xingu. Disse que é importante entender a vida dos não-índios, aprender a ler e escrever para defender a terra, mas sem abandonar a cultura de cada povo e a própria língua. Disse também que o pessoal que está percebendo a realidade do Parque, cercado de fazendas e cidades, com os fazendeiros cobrindo as terras indígenas, devem explicar ao pessoal das aldeias, que muitas vezes não têm consciência do que está ocorrendo.

Disse que o pessoal está começando agora a se preparar para ser professor, que é importante o pessoal assumir esse papel pois é difícil professores não-índios permanecerem nas áreas indígenas.

#### Kokoti Aweti

Kokoti falou sobre a responsabilidade de quem está participando do curso, que precisam estudar mesmo, levar a sério o trabalho. Ele disse que pensa no futuro do Parque, explicando que mais adiante ele, Pira e outros chefes de postos vão passar este trabalho para os mais novos, que o pessoal também precisa ir se preparando para assumir no futuro o lugar deles, como chefes de postos, pessoas que trabalhem para suas comunidades.

#### ENTREGA DOS CERTIFICADOS

Eliza agradeceu o apoio de Kokoti e da comunidade Ikpeng, o apoio de Pirakumã, e entregou os certificados aos participantes.

#### SHOW DE TRAUIN E KUREHETE KAMAYURÁ:

A dupla cantou alguns sucessos de Leandro e Leonardo. Cantaram também uma versão que fizeram em Kamayurá de uma das músicas desses cantores. Todo mundo sabia cantar todas as músicas, os artistas estavam afinadíssimos e foram muito aplaudidos.

#### JOGO DO STOP

A sugestão do jogo foi feita por mim, porém não atingiu os objetivos que esperávamos. Com a colaboração de Loike explicamos o jogo, porém o único grupo que conseguiu jogar de acordo com as regras, usando palavras de sua língua foi o do pessoal Ikpang.

No grupo de línguas Karib eu propus uma mudança no jogo, deixando o pessoal completar as palavras solicitadas sem a preocupação de algum deles terminar primeiro a lista. No jogo fizemos uma tabela com 4 colunas:

INIBO

KUGE (nomes de pessoas), NGENE (animais), NGIKO (objetos) e KANGA (peixes). Escolhiam uma letra inicial para todas as palavras e cada um fazia no seu ritmo.

O grupo Trumai achou difícil jogar em sua própria língua e optaram por realizar a atividade em português. Não acompanhei os demais grupos.

Multiplicações:

Francisco retomou todas as tabuadas. Depois realizou várias operações de multiplicação de forma não convencional, começando pela centena. Eu achei que foi difícil para quem estava começando a trabalhar com multiplicação entender o mecanismo das operações com centenas e unidades de milhar ou com dois algarismos multiplicadores. Infelizmente o curso é muito rápido, portanto devemos ir mais devagar e aprofundar questões que não foram suficientemente trabalhadas (devido ao tempo reduzido) durante o acompanhamento.

AVALIAÇÃO DO CURSO REALIZADA PELOS PARTICIPANTES:

MALUYAKÁ TRUMAI - Eu achei que o curso foi bom, fiquei triste que o curso acabou.

TAWALU TRUMAI - Achei o curso bom, foi pena que cheguei atrasada. Quem sabe no próximo eu chegue no começo. Eu quero pegar prática, aprender mais um pouco, pena que está acabando. Obrigada, professores.

KOINU SUYÁ - Eu gostei, o curso foi bom.

MANAGU TXIKÃO - O curso foi muito legal para mim. Teve muitas brincadeiras alegres.

AIGURÉ TXIKÃO - Foi muito bom o curso, eu fiquei contente. Foi super legal, bom prá gente estudar, senão nós não vamos saber a lei do branco. Para mim foi super legal. Vocês não tenham vergonha de falar realmente o que vocês estavam comentando. Vocês falaram que matemática, português, são difíceis. É como aprender a fazer flecha: nosso pai tem que fazer 3, 5, 7 vezes para a gente aprender. A gente não aprende de uma vez. Depois de estudar muito, aprender, vocês vão achar fácil. Se a gente não batalhar, não vai aprender. Temos que saber da lei do branco para defender a nossa área, os brancos estão com inveja dos índios. Temos que aproveitar estes cursos, depois de 5 anos não sabemos se vai continuar o projeto. Matemática é difícil, mas temos que continuar a aprender. A linguista está dando aula ensinando a escrever em nossas línguas, isso também é importante. Vocês estavam reclamando que não vieram aqui para escrever na língua, mas Kliza e Bimba deram aula de português. Vocês dis-

seram que teve mais aulas na língua do que em português. Nós temos que aproveitar os cursos.

KOROTOI TXIKÃO - Nesse curso os peixes estavam difíceis, por causa do rio cheio. É o 1º curso que estamos participando. A gente faz curso para ensinar a lei do branco e a nossa lei também, para que os nossos costumes continuem. Eu não sei onde será o próximo curso.

ELIZA - Provavelmente vai ser aqui mesmo, no Pavuru.

YAKAYRU TRUKAI - Eu gostei desse curso, pena que eu não cheguei no começo, cheguei no meio.

IBENE KUYKURO - Eu gostei muito desse curso, a gente vai esperar outro.

EDRO PARECI - Eu gostei, foi um prazer conhecer as aldeias de vocês. Vocês tem que aproveitar os 5 anos de curso para aprender alguma coisa e trabalhar na escola passando a sabedoria dos mais velhos. Vocês mesmo podem ir batalhando, não ficar dependendo do homem branco. Vocês têm que acordar um pouco, aproveitar o curso. Tem que ter professor índio nas aldeias, é melhor do que o pessoal ir estudar na cidade. Vocês têm que alfabetizar suas crianças na nossa cultura, senão poderá acabar, é só vocês cuidarem para não acabar. Vocês têm que ter muito cuidado com o que vão ensinar para os alunos, principalmente em português.

AJYUMA NAHUKWÁ - Prá mim o curso foi bom, eu gosto muito de estudar.

YAWAPOLA RAUL MEHINAKO - Eu gostei muito de estudar aqui, eu não passei fome aqui.

JBYKA, URTSÉ E TAHUGAKI KALAPALO estavam com vergonha de falar em português, ou mesmo em sua língua, não quiseram falar.

FRANCISCO - Eu faço uma avaliação positiva, vocês avançaram muito, podem ficar animados, todos começam assim. Eu acho que está começando muito bem na parte de línguas, português e matemática.

APALAKATO KUYKURO (PALÁ) - O curso foi bom prá mim, prá aprender mesmo.

ANHUTE MATIPU - Eu gostei desse curso para aprender um pouco, ler, escrever e matemática.

KONTO KUYKURO - Eu estou estudando pela primeira vez aqui prá aprender a vida do branco. Foi muito difícil para mim estudar na cidade.

LUCY SEKÉ - Faz tempo que eu ando por aqui. O trabalho linguístico que eu faço é para dar um retorno para vocês. É importante aprender a escrever na língua, sem deixar de aprender a vida do branco, a língua do bran-

co, que vocês vão precisar como uma arma para se defender. Mas é bom valorizar também a língua de vocês, dar português, sem perder a língua indígena.

MOREPÁ AWETI - não falou.

JARÉU KAMAYURÁ - Prá mim foi legal este curso, eu achei muito bom. Espero que no próximo curso a gente aprenda mais.

YAKUMINI AWETI - É a primeira vez que a gente vem participar do curso, a gente aprendeu muita coisa: mais português, matemática, escrevemos nas línguas.

KWARAU AWETI - Foi bom esse curso aqui.

AYUMÃ PABLO KAMAYURÁ - Foi bom o curso, está começando ainda. Gostei de escrever em nossa língua, mas espero que no próximo curso a gente aprenda mais português. Quero fazer mais textos, aprender pontuação. Português é mais difícil, no meio do estudo de português também quero aprender na língua. Matemática também gostei muito. Vocês não sabiam neste curso quantas pessoas vinham, não sabiam a quantidade de alimentos. Através deste 1º curso a gente vê o que vai precisar para os próximos. Gostei de aprender a escrever na língua.

TRAUIN KAMAYURÁ - Eu gostei do curso, foi muito legal para mim. Gostei de escrever na língua, das aulas do Francisco, da Binba e da Eliza.

KUREHETE KAMAYURÁ - O curso para mim foi mais ou menos. Não gostei que eu achei que faltou comida, quase não tinha mistura. Eu achei que as aulas foram legais. Eu gostei mais de matemática, gostei de escrever na língua, português eu achei regular, eu queria aprender mais.

ALUPÁ KAYABI - Eu fui convidado a participar deste curso, é a primeira vez que eu participe ajudando os professores. Eu queria agradecer aos professores. Esse projeto tem 4 ou 5 anos que o pessoal está batendo para conseguir, eu vi essa batalha, trabalhando lá na Fundação Mata Virgem. Há muito tempo que eu queria escrever na minha língua, eu não sabia como seria. Esse curso é o começo, a gente não sabia como seria, agora a gente já tem uma idéia. Dar aula é difícil, eu fico com vergonha de ficar na frente, eu achei que foi muito bom.

LOIKE KALABALO - Eu vou falar na minha língua, eu vou explicar um pouco para o pessoal, para eles não acharem que as coisas são rápidas, que se aprende rápido. Agora eu vou falar do projeto. O pessoal está falando que o projeto é para 4 anos, mas nós ainda não mostramos o nosso trabalho. Se a gen-

te for ficar reclamando da comida, ficar cobrando as pessoas não adianta nada, se a gente também não mostrar o trabalho, o que a gente aprendeu, junto ao pessoal nas aldeias. Depois que vocês forem contratados haverá também uma cobrança do trabalho de vocês com seus alunos.

É importante a gente escrever na língua, as nossas músicas precisam ser escritas, para documentar a nossa cultura. Meu irmão morreu fazem alguns dias, ele era o único que sabia tocar flauta Jakuí, o que ele sabia, ninguém agora sabe. Agora eu quero dominar a minha língua na escrita. Em relação ao curso, teve muita gente que demonstrou interesse, mas pode ter alguns que não querem ser professores.

AValiação DOS CONHECIMENTOS DOS PARTICIPANTES EM RELAÇÃO À MATEMÁTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUA INDÍGENA (ORALIDADE E ESCRITA):

KWARAU AWETI - Em relação ao processo de aquisição da escrita está silábico-alfabético. Fala sua língua e quase não fala português. Em matemática está aprendendo o sistema de numeração decimal e começou a realizar a adição. Achei importante que ele procurou se expressar no curso, realizar todas as atividades solicitadas, com muito interesse.

MORRÉÁ AWETI (WIRIRI) - Está pré-silábico. Fala Aweti e quase nada de português. Está aprendendo o sistema de numeração decimal e iniciando a adição.

YAKUMINI AWETI - Fala sua língua e fala bem o português. Em relação ao que foi trabalhado no curso conhece o sistema de numeração decimal, adição com e sem recurso e realiza a multiplicação simples. Como ele fez até a 5ª série há muitos anos atrás, deve dominar outros conteúdos da matemática, porém é necessária uma avaliação a nível individual (que não foi feita no curso). Escreve bem em português com as dificuldades esperadas (ortografia, gramática e estrutura das frases). Demonstrou muito interesse em relação ao trabalho de professor.

KUREHETE KAMAYURÁ - Fala e escreve bem em português, necessitando de um trabalho mais aprofundado para desenvolvimento de seu texto (vocabulário, ortografia, estrutura e gramática da língua), necessita de muito material para leitura, que irá contribuir para o desenvolvimento de seu texto. Fala e escreve bem em sua língua. Domina a adição e multiplicação, operações trabalhadas neste curso, precisa ser avaliado em outros conteúdos da matemática. Demonstrou interesse em ser professor.

AYUMÁ KAMAYURÁ - Está no mesmo nível que Kurehete, porém me pareceu não ter muito interesse em ser professor.

JARÉU KAMAYURÁ - Fala e escreve razoavelmente em português, com um pouco de dificuldade na escrita de textos. Pareceu dominar a escrita em sua língua. Realiza adição, conhece o sistema de numeração decimal e realiza multiplicações simples (1 alg. multiplicador). Não sei se deseja ser professor.

TRAWIN KAMAYURÁ - Fala e escreve razoavelmente em português, pareceu dominar a escrita em sua língua. Em matemática está no mesmo nível que Jaréu. Demonstrou interesse em ser professor.

RAUL YAWAPOLA MEHINAKO - Está alfabético. Fala e escreve com dificuldade em português (dificuldade na ortografia e construção de frases, devido a falta de leitura e de exercício). Fala Mehinako, mas creio que não avançou muito em relação à escrita, por estar sozinho e desestimulado para esse trabalho de reflexão sobre a língua. Seria bom que outro Mehinako também participasse do próximo curso para trabalhar junto com ele. Em matemática demonstrou conhecer o sistema de numeração decimal, adição sem e com recurso, multiplicação simples. Demonstrou interesse em ser professor.

KOROTOI TXIKÃO - Fala e escreve muito bem em português. Demonstrou ser um ótimo professor, esforçado e que realiza com prazer esse trabalho. Fala bem Kayabi, mas não escreve. Fala pouco Txikão, porém tem interesse em aprender mais e interesse em ensinar na língua Ikpeng na escola. Participou conosco das reuniões de equipe e creio que seja mais um educador a integrá-la. (Seu nome, como de muitos, está escrito errado, é Korotowá).

YOKORÉ TXIKÃO - É ajudante de Korotoi na escola. Está alfabético, fala razoavelmente o português e escreve com um pouco de dificuldade. Fala Ikpeng e pareceu ter boa compreensão da escrita em sua língua. Em matemática domina o sistema de numeração decimal, sabe adição e realiza multiplicações simples. Parece ter interesse em ser professor.

AYGURÉ TXIKÃO - É monitor de saúde. Fala e escreve muito bem em português, com um vocabulário rico. Fala e escreve em Ikpeng e domina os conteúdos trabalhados em matemática durante o curso (adição e multiplicação). É muito esforçado e interessado, tem uma capacidade incrível de expressão.

NAPIKU TXIKÃO - Fala e escreve muito bem em português. Teve um papel muito importante nas discussões sobre a escrita de sua língua e dominou o alfabeto adotado. Participou intensamente do curso, colaborando muito com a equipe no desenvolvimento das aulas. Parece ter interesse em escrever as histórias de seu povo. Em matemática domina com segurança os conteúdos trabalhados.

MANAGU TXIKÃO - Fala e escreve muito bem em português. Fala sua língua e

participou com muito interesse sobre as discussões sobre a escrita em Ikpeng. Em matemática domina os conteúdos trabalhados durante o curso. É monitor dentista. Participou do curso com muito entusiasmo e interesse.

SAMPO TXIKÃO - Participou apenas da primeira semana de curso. É monitor de saúde. Desenha muito bem, ilustrando textos que fizemos e alguns textos do material que criaram na língua Ikpeng. Fala e escreve bem em português. Participou um pouco das discussões sobre a escrita em sua língua.

IBENE KUYKURO - É monitor dentista, mas manifestou interesse pelo trabalho de professor. Fala razoavelmente o português e escreve com um pouco de dificuldade, por falta de material de leitura e de exercitar seu texto, pois está alfabético. Trabalhou com interesse na escrita de sua língua, pareceu ter dúvidas quanto ao uso do K e do G. Em matemática conhece o sistema de numeração decimal, realiza adição, mas tem dificuldades com a multiplicação.

KONTO KUYKURO - Fala e escreve com dificuldade em português. Pareceu dominar as discussões sobre a escrita de sua língua, refletindo sobre cada problema ou dúvida encontrada. Em matemática domina o sistema de numeração decimal, realiza adições e multiplicações simples. Creio que tem mais interesse pelo seu aprendizado individual do que em ser professor.

APALAKATO KUYKURO - Está alfabético. Tem muita dificuldade com a fala e escrita de textos em português. Escreveu textos em sua língua com desenvoltura, com muito mais segurança que em português. Pareceu compreender as discussões sobre a escrita de sua língua, com muito entusiasmo e interesse. Em matemática pareceu compreender o sistema de numeração decimal, adição e começou a entender a multiplicação. Não sei se realmente tem interesse pelo trabalho de professor.

ANHUTE MATIPU - Está silábico. Fala português com dificuldade. É muito interessado e procura se colocar, se expressar, apesar da dificuldade com a língua portuguesa. Está aprendendo o sistema de numeração decimal, realizou as adições com recurso com dificuldade e está começando a entender a multiplicação.

AJYUMA NAHUKWÁ - Está alfabético. Fala e escreve com dificuldade o português, por falta de exercitar a língua oral e de acesso a materiais escritos, de exercitar sua escrita. Pareceu ter muito interesse em escrever sua língua, escreveu muitos textos com mais segurança do que em português. Em matemática domina o sistema de numeração decimal, as adições e está aprendendo multiplicação. Manifestou interesse em ser professor.

TAHUGAKI KALAPALO - Foi alfabetizado por Loike. Fala com muita dificuldade o português e conseqüentemente tem dificuldade para escrever. Pareceu compreender a escrita adotada nesta primeira reflexão sobre sua língua, porém ainda é um escritor iniciante. Domina o sistema de numeração decimal, adição e multiplicação simples. Manifestou interesse em ser professor, embora ainda seja muito jovem (tem 15 anos).

URISÉ KALAPALO - A mesma avaliação de Tahugaki. Os dois são muito esforçados e interessados.

JEYKA KALAPALO - A mesma avaliação que Tahugaki e Urisé. Percebi que tem um pouco de dificuldade na adição com recurso e está iniciando o aprendizado da multiplicação.

ARUNHA KALAPALO - É monitor de saúde. Está alfabetizado, mas é um escritor iniciante. Fala e escreve com dificuldade em português. Escreveu textos em sua língua, porém num ritmo mais lento que os demais e com mais dúvidas em relação a escrita adotada nesta fase inicial do trabalho. Em matemática está começando a dominar melhor o sistema de numeração decimal, tem dificuldades na adição com recurso e está começando a entender a multiplicação (o conceito da operação).

MALUYAKAI TRUMAI - Pareceu ser muito esforçado e interessado, manifestando muito interesse pelo trabalho de professor. Começou a entender a escrita adotada para sua língua, embora tenha ainda muitas dúvidas. Também creio que não fale muito a língua Trumai. Escreve e fala bem o português, faltando um maior acesso a material escrito para leitura e um trabalho de desenvolvimento do seu texto. Em matemática domina o sistema de numeração decimal, a adição com e sem recurso e a multiplicação simples (com 1 alg. multiplicador).

YAKAYRU TRUMAI - Colaborou muito no grupo, explicando aos demais a escrita adotada para sua língua. Fala bem o português, mas tem dificuldade na escrita, por falta de leitura e exercício. Pareceu dominar o sistema de numeração decimal, as adições e começou a aprender multiplicação. É monitora de saúde.

KOINU SUYÁ - É monitora dentista. Está alfabetizada, fala muito bem o português mas falta acesso a material de leitura e exercitar o seu texto. Fala Trumai, porém teve muita dificuldade para entender a escrita adotada. Domina o sistema de numeração decimal, a adição e realiza multiplicação simples.

TAWALU TRUMAI - Fala bem o português, está alfabética, escreve razoavelmente bem, necessitando de trabalhar mais com seu texto e ter acesso a materiais escritos. Fala Trumai e começou agora a refletir sobre a escrita de sua língua, através do alfabeto preparado por Raquel Guillardello. Deseja ser professora do posto Steinen.

#### AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS EM LÍNGUAS INDÍGENAS

Creio que a resistência de alguns participantes do 1º curso em desenvolver uma escrita em suas línguas se deva a ansiedade em aprender a falar e escrever em português e de não perceberem ainda com clareza funções para a escrita em suas línguas. Ao contrário dos participantes do 2º curso, que já começaram a atuar como professores, refletindo sobre as funções da língua indígena escrita como forma de comunicação (cartas), documentação da cultura e como um aspecto importante em seu trabalho, na alfabetização e estudo linguístico.

Apesar disso, todos os participantes do 1º curso disseram que gostaram de trabalhar na escrita de suas línguas, reclamando somente desse trabalho ter tido um peso maior no curso do que o português.

Iniciamos enfim uma primeira reflexão sobre a escrita, onde nada ainda é definitivo, cabendo à equipe organizar o acompanhamento e o próximo curso, incentivando a continuidade dessa reflexão e procurando levantar discussões sobre as possíveis funções da escrita nas línguas indígenas.

#### AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS EM LÍNGUA PORTUGUESA :

Pudemos perceber 3 níveis entre os participantes, relacionados a oralidade e escrita do português:

- 1) Pessoas em processo de aquisição da escrita: Kwarã e Morepá Aweti, Anhúte Matipu.
- 2) Participantes alfabéticos, escritores iniciantes, com muitas dificuldades devido ao fato de falarem pouco o português e terem pouco acesso a materiais escritos: Jaréu e Trawin Kamayurá; Yawapola Mehinako; Yokoré Ikpeng; Ibene, Konto e Apalakato Kuykuro; Aiyuma Nahukwá; Tahugaki, Jeyka, Urisé e Arunha Kalapalo; Yakayry, Koinu e Tawalu Trumai.
- 3) Pessoas que falam e escrevem bem em português, necessitando aperfeiçoar seu texto, ampliar seu vocabulário e ter acesso a diversos tipos de textos: Yakumini Aweti; Kurehete e Ayumã Kamayurá; Korotoi, Ayguré, Napikú, Managu e Sampo Tzikão; Maluyakaf Trumai.

Durante o curso creio que pudemos atender de forma satisfatória,

apesar do tempo escasso de curso, as necessidades dos dois primeiros grupos, sendo enfatizado o trabalho com português oral. Faltou um trabalho mais específico no sentido de atender as ansiedades do 3º grupo, em relação ao aperfeiçoamento de seu texto escrito.

Tanto o acompanhamento quanto o planejamento do próximo curso deverão ser orientados, em minha opinião, pela avaliação dos diferentes estágios que se encontram estes grupos, em relação ao português oral e escrito.

Foi importante a abordagem de algumas orientações pedagógicas, através de atividades que dispensam o uso de cartilhas, como a criação de textos coletivos, caça-palavras, listagens, iniciando uma primeira reflexão sobre o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos.

#### AValiação DO TRABALHO COM MATEMÁTICA

Francisco desenvolveu um trabalho muito bonito, todos nós aprendemos muito com ele neste curso. Também em matemática constatamos a necessidade de dividir o pessoal em grupos, de acordo com a compreensão dos conteúdos trabalhados. Percebemos também que é preciso ir devagar, aumentar o tempo de trabalho com cada conteúdo, de forma que ele possa ser melhor compreendido.

Em minha opinião seria importante realizar uma avaliação mais individualizada dos participantes, envolvendo também outros conteúdos não trabalhados durante o curso. Essa avaliação poderia ser iniciada no acompanhamento.

Outra observação é relacionada ao uso de canudinhos de plástico, que podem ser substituídos por pauzinhos, deixando claro aos professores que é possível realizar as atividades trabalhadas no curso com o material que dispõe na aldeia. Os saquinhos de plástico também poderiam ser substituídos pelos de pano, que a equipe poderia mandar fazer.

Texto do Professor Korotoi Wayá Txikão:

Bom dia a todos professores. É um grande prazer conhecer a todos vocês.

As crianças querem aprender, elas querem saber fazer as coisas à sua volta. Todos são importantes fontes de conhecimento para as crianças.

É importante manter aceso o desejo de aprender. Assim as crianças continuam a fazer perguntas, descobrem por si mesmas. Quando as crianças estão interessadas em alguma coisa, elas se esforçam para aprender.

Não podemos deixar nossos meninos deixarem de ser índios, ensinaremos nossos meninos a não perder nossos costumes, fazer as crianças pensarem na nossa vida, nossas danças, nosso estudo de fazer artesanato do nosso povo.

Ensinar a ler e escrever em português para as crianças é muito importante, mas importante mesmo é ensinar nossas crianças a não deixarem os nossos costumes para trás.

É isso que eu queria dizer para vocês, meus irmãos professores indígenas.

Um grande abraço para todos vocês.

Prof. Korotoi Txikão  
do PI Pavuru

A ESCOLA DO ÍNDIO

Negeron Ekakhanãe (Natyktire)  
Escola do II KETU-TIRE 1947



Antigamente todos os índios usavam machado de pedra pra fazer roça, tirar mel, cortar árvore, tirar pau para fazer arco.

Todos os índios usavam arco e flecha para matar bichos como anta, porco, aves como o mutum, o jacu, reicongo, arara.

Nós índios comemos só as coisas do mato: mel e frutas. Cada época tem a sua fruta. Na época das chuvas é que tem mais frutas no mato: tem açá (kamrekak), pequi (prí), citi (priro), buriti (ngroa) e muitas outras.

Antigamente nós Kayapó éramos um grupo só, chamado Gorotire. Hoje nós estamos divididos. Nós somos Letyktire e os Gorotire, Kubë-kankren, Koksaimoro, Mekrangotire são nossos parentes. Tem outras aldeias de grupos que se dividiram há pouco tempo: Aukre, Kikretû, e outra aldeia pequena chamada Lararaô, outra chamada Bau.

Hoje nós estamos vivendo numa área diferente, embora falemos a mesma língua e tenhamos os mesmos costumes. Agora o costume do nosso pessoal está mudando, desde a época do contato com os Kubëkryt (não-índio). Cada vez mais nós estamos perdendo a nossa língua, a nossa música, nossa dança, nossos costumes.

Quando os mais velhos morrerem, aí o pessoal mais novo vai perder as festas, as músicas, por enquanto os velhos estão vivos e estão ensinando o pessoal a viver como antigamente. Os velhos são nossos PROFESSORES ainda.



As músicas de guerra estão acabando, ninguém dança e canta mais as músicas que usávamos para fazer guerra, nem as músicas do quando voltávamos da guerra.

Tam outras músicas que só os velhos sabem e não estão ensinando para os mais novos, porque eles não querem aprender. Os mais novos só querem ouvir rádio e gravador com músicas dos kubê.

Po risso o meu tio Ropni (Raoni) briga com a rapaziada, porque eles precisam aprender a viver do jeito que nossos avós viviam.

Eu estou pensando assim: eu quero que os velhos também dêem aula para a rapaziada. Meus tios Kromoro, Krumare, Meyre e Ropni podem ensinar para a rapaziada a língua antiga do nosso povo.

Rapaziada, nós precisamos aprender a nossa língua para não esquecer, para conversar, fazer discurso quando encontrar com o irmão, com os parentes. Quando for viajar tem que fazer discurso para a mãe e o irmão.

Os velhos têm que ensinar a língua antiga, as velhas têm que ensinar para as meninas a língua das mulheres, ensinar a chorar quando alguém vai viajar, quando morre algum parente, esse costume de chorar é muito bonito, não pode acabar.

A mulherada chora quando os parentes vão viajar. Chorar, fazer discurso são nossos costumes, é muito bonito, não pode acabar.

Os velhos têm que ensinar como fazer o artesanato, fazer tupipi, kaiti, meãkã, krolakiti, pegãti jany e outros objetos.

Nós temos que aprender só as coisas boas dos brancos: aprender a usar a medicina, o trabalho do dentista e do médico, a escrita, o trabalho do agrônomo, do professor.

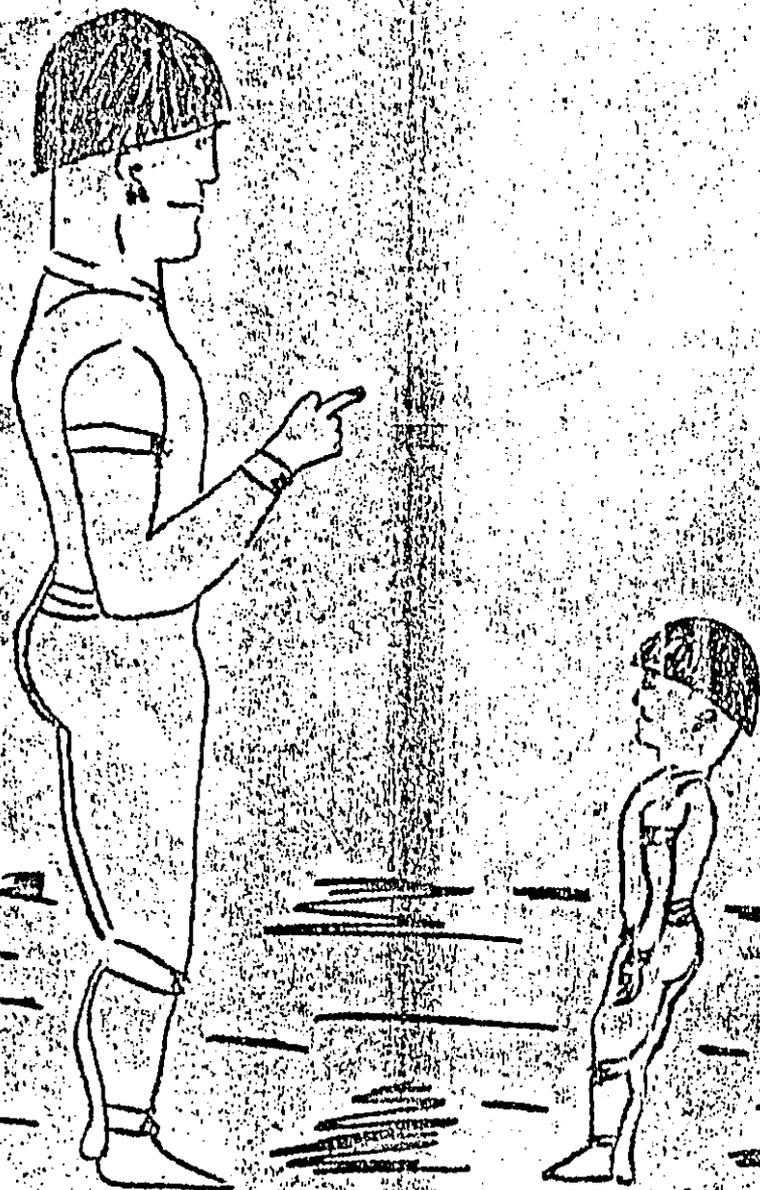
Nossos tios Kromoro, Krumare e Meyre, não querem que a gente aprenda as coisas ruins como tomar pinga ou cerveja, morar na cidade. É bom a gente aprender as coisas boas para ficar aqui na nossa terra.

Vocês também vão ir pensando como é a nossa vida e como é a vida do branco. Nossa vida é muito diferente.

Vocês que estão aprendendo a ler e escrever já sabem alguma coisa. Os velhos, nossos parentes, sabem muito mais do que vocês que estão aprendendo a ler e escrever. Eles são nossos professores.

Ba ihidji be

Makaronti



Sahyo Tuiçã

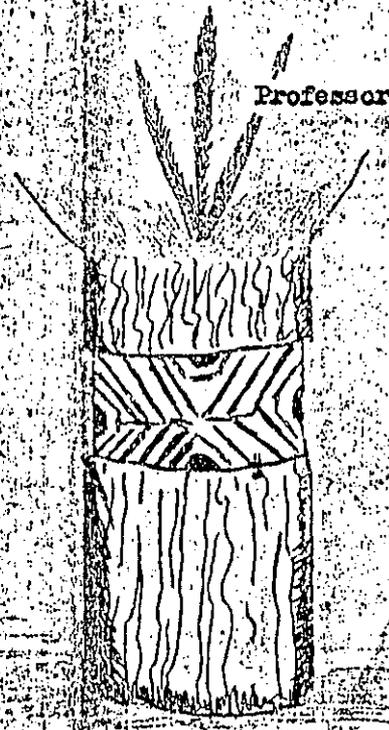
1.994 - 1º CURSO DE PROFESSORES INDÍGENAS DO XETEC

Quero que vocês que pretendam ser professores das suas aldeias, trabalhem com a cabeça no lugar. Devam tomar muito cuidado no que vão transmitir para seus alunos.

Porque ser professor é ter muita responsabilidade, principalmente quando se trata de ensinar na língua portuguesa.

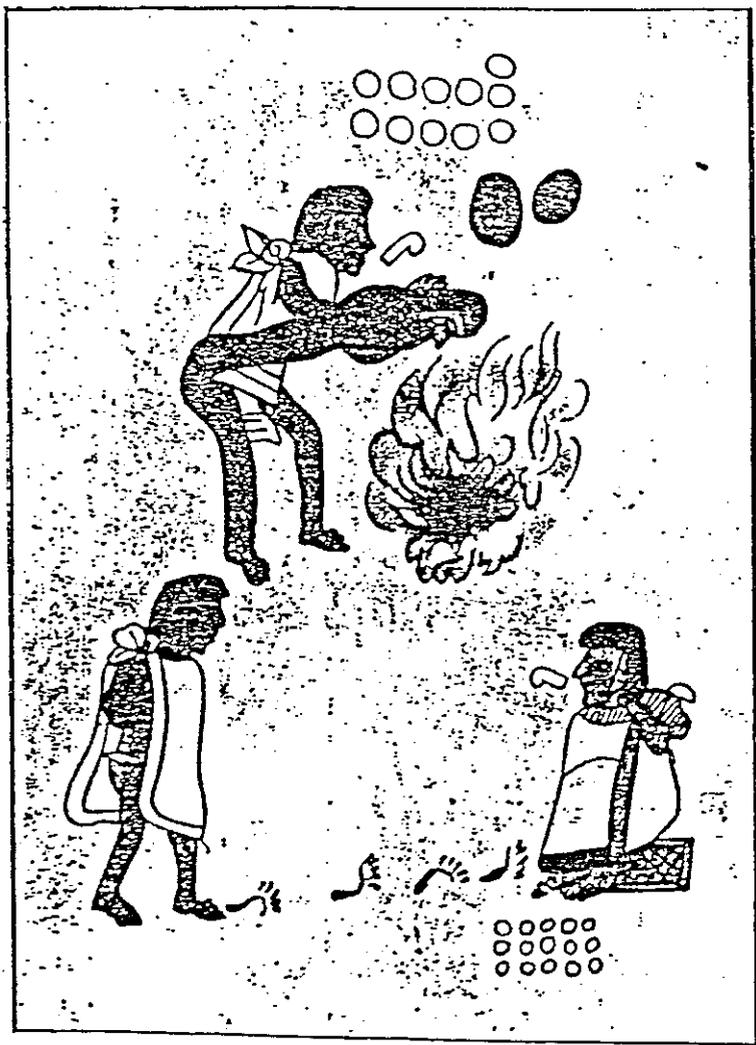
Não façam que seus alunos desvalorizem os nossos costumes. Porque se desvalorizarmos as tradições, crenças e costumes, não vamos ser mais respeitados como índios.

Professor Loike Kalapalo



ASTECA

1

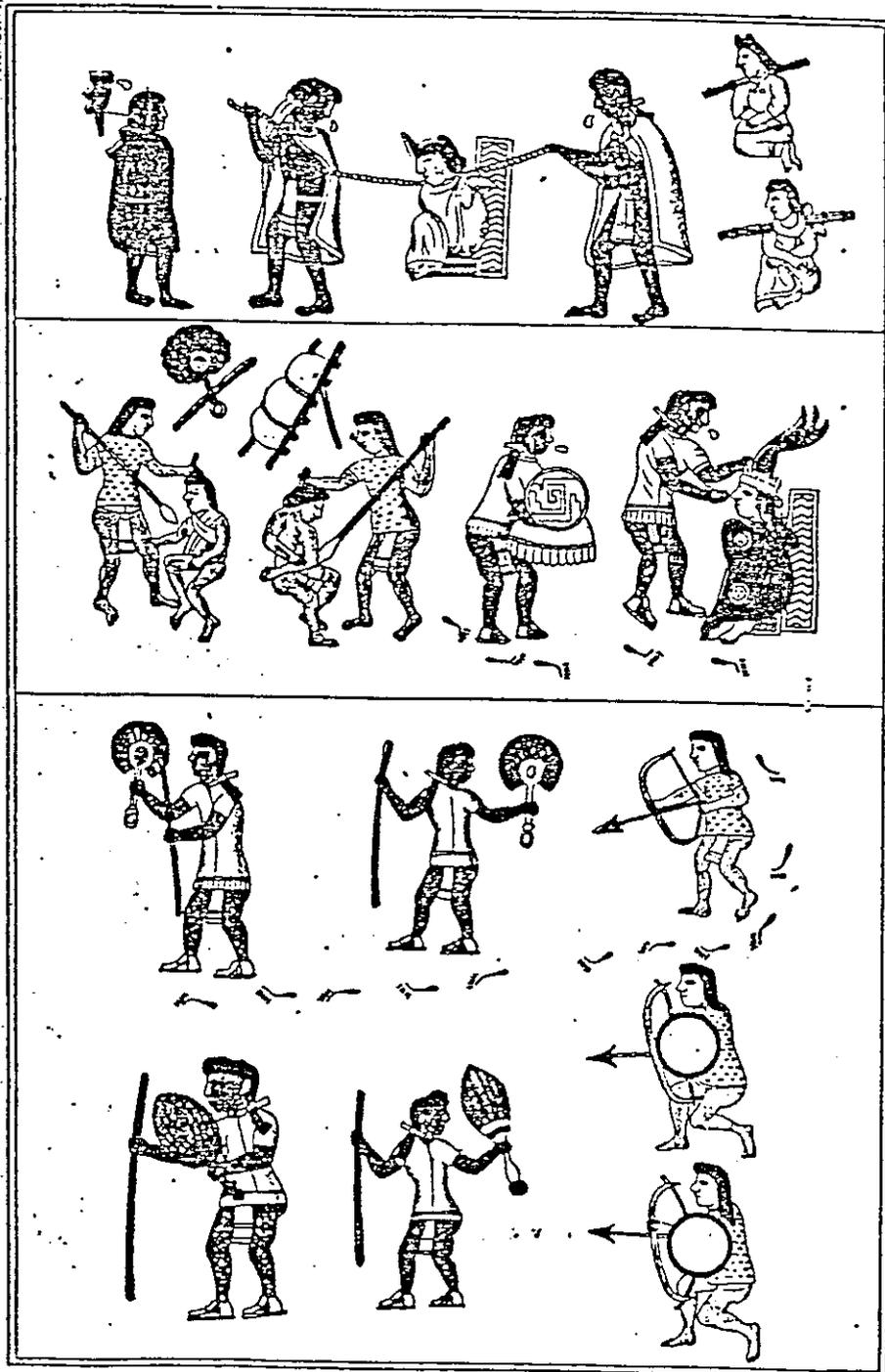


16. Страница из ацтекского трактата, посвященная воспитанию детей

Предполагаемое содержание. Дети имеют право на пролитание (два овала, обозначающие злебы) до 11 лет (11 кружков); родители могут наказывать детей дымом и жаром костра, объясняя при этом (знак речи у рта) их провинность; по достижении 15-летнего возраста (пятнадцать кружков) юношу следует послать (знаки следов) к жрецу, для обучения (знак речи)

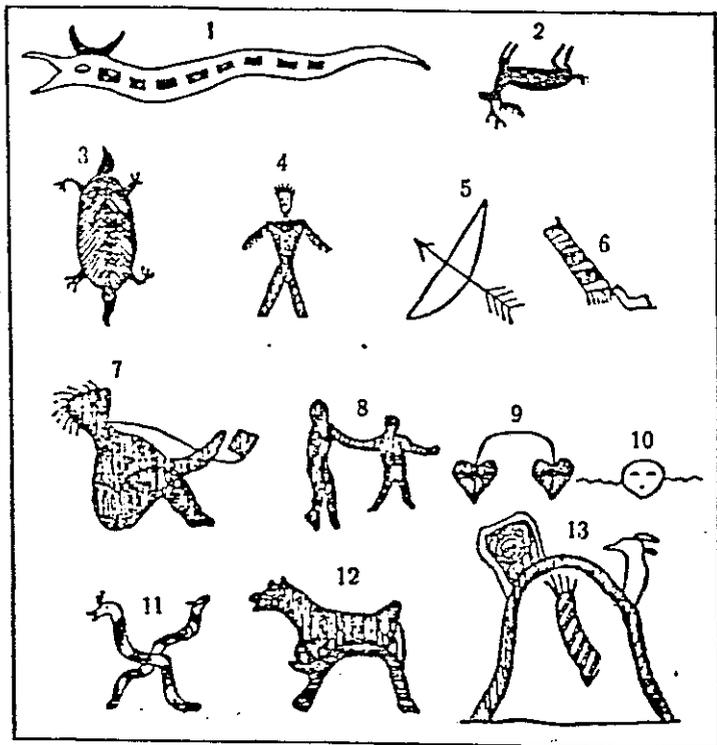
2

56



# ÍNDIOS NORTEAMERICANOS

3

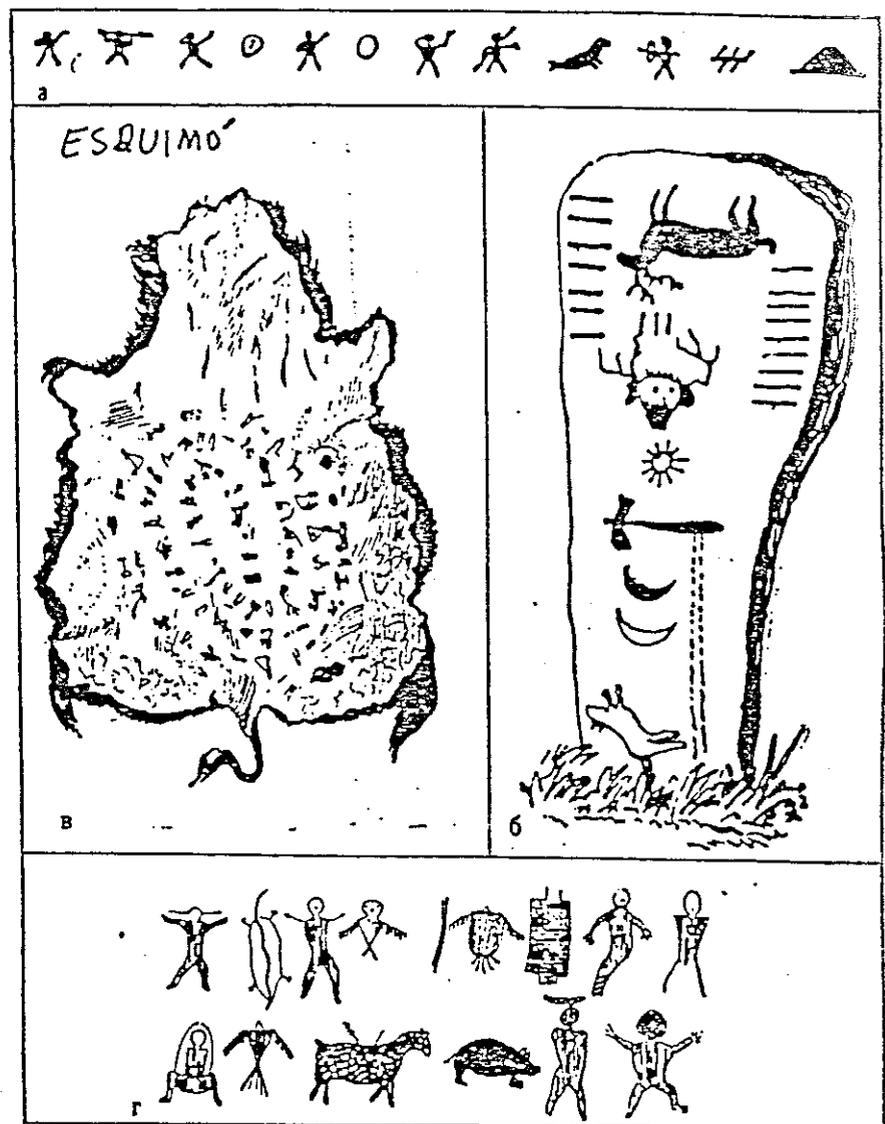


5. Изображения символического характера, применявшиеся в пиктографическом письме североамериканских индейцев для передачи отвлеченных понятий (по Я. Б. Шницеру)

1 — жизнь (скалочная рогатая змея); 2 — смерть (животное или человек вниз головой); 3 — счастье, успех (черепаха); 4 — ловкость (человек с крыльями вместо рук); 5 — война (лук со стрелой); 6 — мир (трубка мира с перьями); 7 — заключить мир (человек курит трубку мира); 8 — дружба (соединенные руки); 9 — любовь (соединенные сердца); 10 — внимание, слух (голова с волнистыми линиями у ушей); 11 — опасность (две змеи); 12 — битва на суама (собака); 13 — молиться (рука, воздетая к небесному своду и к богам)

## RUSSO

Для правильного понимания выдвинутого положения необходимо учитывать также следующее. Формирование первоначального письма было связано с развитием производительных сил, свойственным неолиту лишь постольку, поскольку именно эпохе неолита соответствовало возникновение таких относительно сложных, крупных и долговечных форм общности людей, как племена и союзы племен. Однако такое соответствие было закономерным только для

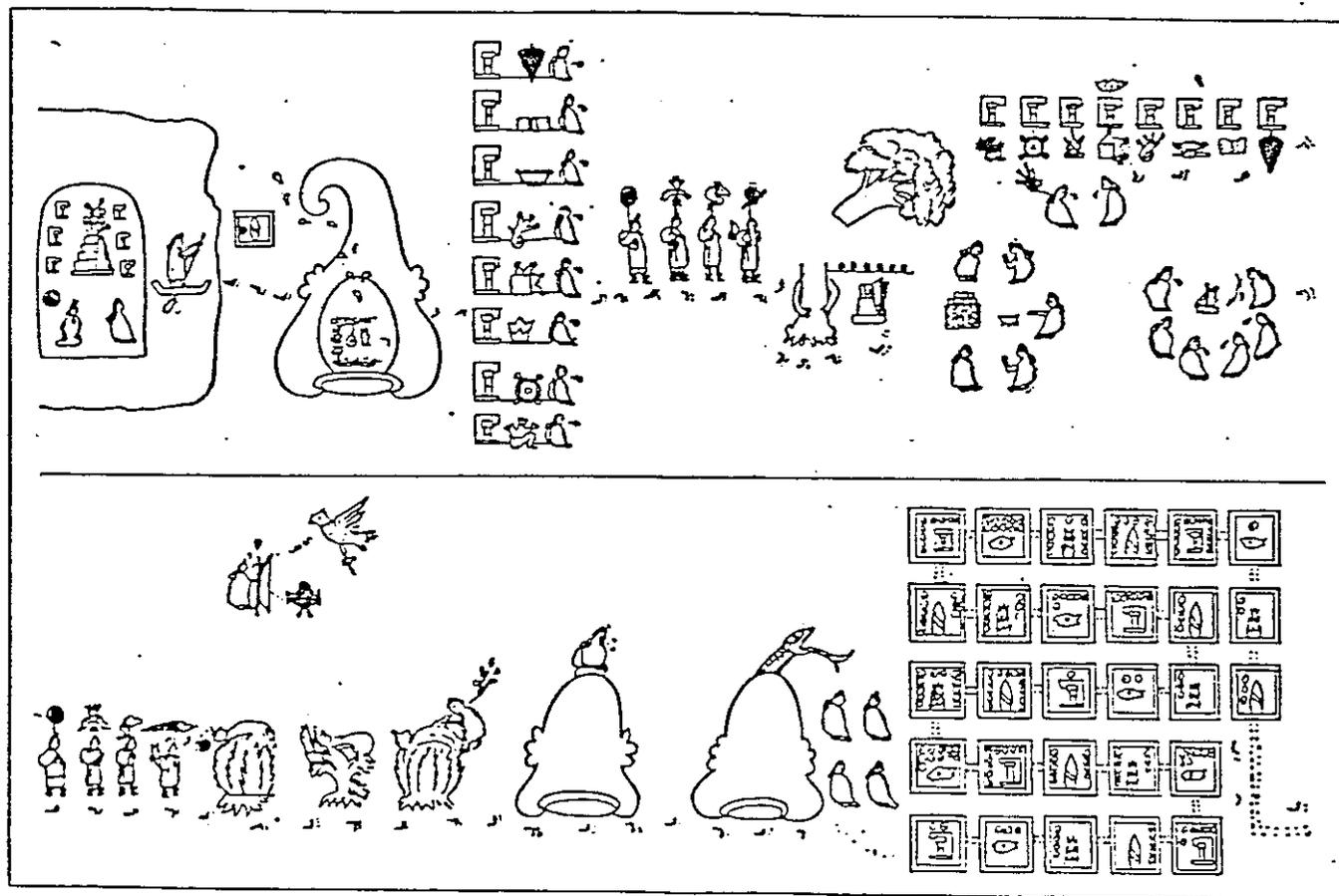


2. Образцы изобразительных пиктограмм, представляющих собой рассказы в картинках

а — пиктографическое письмо эскимоса о событиях охотничьей поездки; б — пиктографическая надпись на надгробии индейского вождя (каждый по имени Олень пережил семь походов, девять сражений и во время похода, продолжавшегося две луны, убит скимрой); в — пиктографическая погодная летопись племени Сну (каждый год обозначен изображением, передающим важнейшее событие этого года); г — пиктографическая запись магической песни американских индейцев (каждое изображение соответствует строфу песни; например: «Я слышу волшебные слова Меды, мой друг» (1), «Благодаря кому текут эти реки? Благодаря Монедо текут эти реки» (2), «Посмотрите на меня, задавайте мне вопросы, мой друг» (3))

5 В. А. Истрин

# ASTECA



17. Страница из ацтекской истории Мексики

Предполагаемое содержание. Вначале ацтеки жили на острове и делились на шесть племен, объединенных общим знаменем, царем и жрецом (фигурка внизу острова). Затем они переправились на лодках на берег и за год (обозначен четырехугольником со знаком года) достигли (знаки следов) священной горы, где принесли жертвы и вознесли молитвы (знаки, поднимающиеся к небу). Затем, разбившись на восемь племен, во главе с четырьмя жрецами они двинулись в плодородную страну, где деревья так велики, что человек не может обхватить их руками. После длительных совещаний четыре племени остались в этой стране; другие четыре (отмечены следами) во главе со жрецами двинулись дальше через горы. Путешествие продолжалось 28 лет (28 знаков в квадратах).

Старая форма	Новая форма	Значение	Толкование
		плеваник	человек в огrade
		рвать	рука над деревом
		светлый	солнце и месяц
		петь	рот и птица
		слышать	дверь и ухо

木	дерево	火	огонь
林	лес	炎	пламя
森	чаща	焱	искры

33. Примеры логографической передачи слов в китайском письме посредством сочетания простейших логограмм (а) или посредством двукратного и трехкратного повторения простейшего иероглифа (б)

Древнее письмо (Шин)	Позднейшее письмо	Название	Значение	Древнее письмо (Шин)	Позднейшее письмо	Название	Значение
		жи	солнце			жэнь	человек
		шань	гора			коу	рот
		хо	огонь			му	глаз
		му	дерево			шан	наверху
		цюань	собака			ся	снизу
		ма	лошадь			чжун	средний
		юй	рыба			шэн	расти

32. Китайские изобразительные и символические (последние четыре) логограммы

ARABE

исполняемые	Начертания				Название
	конечные	средние	начальные		
ا	ا	...	...	'Элф	
ب	ب	...	...	Ба	
ت	ت	...	...	Та	
ث	ث	...	...	Са	
ج	ج	...	...	Джйм	
ح	ح	...	...	Ха	
خ	خ	...	...	Хя	
د	د	...	...	Дяль	
ذ	ذ	...	...	Зяль	
ر	ر	...	...	Ра	
ز	ز	...	...	За	
س	س	...	...	Сйи	
ش	ش	...	...	Шйи	
ص	ص	...	...	Сял	
ض	ض	...	...	Дял	
ط	ط	...	...	Та	
ظ	ظ	...	...	За	
ع	ع	...	...	'Алп	
غ	غ	...	...	Гайп	
ف	ف	...	...	Фа	
ق	ق	...	...	Каф	
ك	ك	...	...	Каф	
ل	ل	...	...	Лам	
م	م	...	...	Мйи	
ن	ن	...	...	Нйи	
ه	ه	...	...	Хя	
و	و	...	...	Ва	
ي	ي	...	...	Йя	

33. Арабский алфавит

א	alef	א	א	} муи
ב	bet	ב	ב	
ג	gimel	ג	ג	} самск
ד	daleth	ד	ד	
ה	he	ה	ה	} анн
ו	vav	ו	ו	
ז	zayin	ז	ז	} пэ
ח	heth	ח	ח	
ט	tet	ט	ט	} цваэ
י	yod	י	י	
כ	caf	כ	כ	} коф
ל	lamed	ל	ל	
מ	mem	מ	מ	} рещ
נ	nun	נ	נ	
ס	sam	ס	ס	} шпн
ע	ayin	ע	ע	
פ	pe	פ	פ	} спп
צ	tsay	צ	צ	
ק	caf	ק	ק	} тав
ר	resh	ר	ר	
ש	shayn	ש	ש	
ת	thayn	ת	ת	

HEBRAICO

34. Современный еврейский алфавит, применяемый в государстве Израиль для передачи языка иврит (по Б. М. Гранде)

1... это буква (каф, мем, нуи, цай), кроме обычной формы, имеют еще вторую конечную форму, которая применяется в конце слов; 2... буквы алеф, айн, служившие в древности для передачи особых гортанных звуков, в настоящее время свое звуковое значение утратили и поэтому не читаются; 3... буквы лав, лад и менуше (ш), кроме своего основного согласного значения, подобно буквам алеф, айн, применяются также для обозначения гласных звуков а, и, о. Все буквы, кроме звукового, имеют также цифровое значение.

ORIGEM DAS LETRAS DO ALFABETO

Hieróglifos	Significados	Cretense	Fenício	NOME DAS LETRAS DO ANTIGO EGÍPCIO (Hebraico)	NOME DAS LETRAS GREGAS	Grego Antigo	Romano	Minúsculas
		1500-1200 AC	1500-1000 AC			850-500 AC	650 AC 114 AC	Idade Média
	Boi			Alef	Alfa A α			a
	Casa			Beth	Beta B β			b
	Bumerangue			Gimel	Gama Γ γ			c
	Porta			Dalath	Delta Δ δ			d
	Olhar			He	Épsilon Ε ε			e
					Dígama			f
								g
	Cerca			Helh	Êta Η η			h
	Mão			Iod	Iota Ι ι			i
								j
	Palmá da mão			Kaf	Kapa Κ κ			k
	Cajado			Lamed	Lâmbda Λ λ			l
	Água			Mem	Mu Μ μ			m
	Serpente			Nun	Nu Ν ν			n
	Olho			Ayin	Ómicron Ο ο			o
	Boca			Pé	Pi Π π			p
	Nó			Quof	Quopa			q
	Cabeça			Rech	Rô Ρ ρ			r
	Donte			Chin	Sigma Σ σ ς			s
	Marca			Tau	Tau Τ τ			t
	Gancho			Vau	Úpsilon Υ υ			u
								v
								w
	Peixe			Samec	Ksi Ξ ξ			x
								y
	Foice			Zayin	Dzeta Ζ ζ			z
	Sol			Teth	Teta Θ θ			
					Psi Ψ ψ			
					Phi Φ φ			
					Ki Χ χ			
					Ómega Ω ω			

Fig. (35) Origem das letras do alfabeto latino.